

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Marta Maria Okamoto

**Revisitando Enrique Pichon-Rivière:
Grupo Interno, história de origem e contexto social**

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Marta Maria Okamoto

**Revisitando Enrique Pichon-Rivière:
Grupo Interno, história de origem e contexto social**

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre
em Psicologia Social sob a orientação da
Prof.^a Dr.^a Miriam Debieux Rosa

São Paulo
2017

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

A Miriam Debieux Rosa, por ter me acolhido na minha indefinição sobre o que escrever, pelo convite para participar do Núcleo Psicanálise e Política, lugar divisor de águas para mim, na vida, no trabalho, no pensamento.

A Capes pela bolsa de estudos.

A Isabel Marazina e Maria Cristina Vicentin, pelo aprendizado, apoio, reconhecimento e parceria nestes muitos anos de convivência. Tenho para mim que não teriam pessoas melhores para compartilhar comigo este momento. Agradeço imensamente.

A Beatriz Lomonaco, amiga de longa data, e Ines Loureiro, que em um momento de impasse criativo, ofereceram-me seu espaço com seu silêncio e tranquilidade necessários para que eu conseguisse escutar mais claramente o que queria transmitir.

Aos moradores do sítio Panapaná: Miguel, Juju, Choquita, Alice, Amora, Pretzel, Emília, Granola, Nina, Bombom e Lola (*in memoriam*) que, com seus gestos incondicionalmente carinhosos e olhares atentos, me ajudaram a ter o reconforto necessário à escrita.

Aos amigos de toda a vida que sempre estiveram presentes e me fazem pensar se amor incondicional não é, de verdade, o dos amigos: Teca Natel, Bete Meola, Deborah Sereno, Renata Puliti, Leonel Braga, Claudia Trigo, Saulo Jardim, Paula Francisquetti, Mauricio Porto, Wilma Swarc, Mauricio Lourenção, Carlos Preto, Simone André, Mariana Oliveira, Sylvia Baptista, Andréa Schilling, Cristina Lopérgolo, Sergio Urquiza, Breno Serson.

Aos novos amigos novos, feitos na pós-graduação, que me mostraram a felicidade do encontro entre a juventude e a consistência ética, pessoal e profissional: Mariana Belluzzi, Carolina Bertol, Raonna Martins.

Ao pessoal do Núcleo, agradeço pela acolhida afetiva e por serem os parceiros de sofrimento e de produção/criação: Diego, Marta, Emília, Ana Paula, Rodrigo, Bel, Patricia, Ilana, Sergio, Jaque, Joana, Aline, Priscila, Gabriel.

A Patricia Porchat por ter me incentivado a fazer o mestrado.

A Alice por alegremente ter entrado na minha vida.

A Simone Favaretto, companheira de reta final, pela força, presença terna e amorosa companhia.

Aos meus pais, saudades.

Aos meus irmãos, Marcelo, Maurício e Miriam que desde sempre me mostraram a alegria e os sabores de viver em grupo.

Marta Maria Okamoto

**Revisitando Enrique Pichon-Rivière:
Grupo Interno, história de origem e contexto social**

Resumo: Este estudo tem por objetivo revisar a teoria dos Grupos Operativos e seu autor, Enrique Pichon-Rivière, a importância do trabalho com grupos em diferentes contextos, sua potência e o vigor de tal recurso. De sua teoria, circunscrevemos o conceito de *grupo interno* em função da interessante definição atrelada ao que cada sujeito carrega consigo de sua história de vida e que se atualiza quando adentra um grupo. Com este recorte conceitual, percorremos seus escritos, partindo da origem do termo *grupo* até chegarmos à forte influência de sua teoria na realidade da saúde mental brasileira nos anos de 1970 e 1980. Em uma volta ao passado mais distante, retomamos seus primeiros anos de vida e o acompanhamos vivendo na região norte da Argentina, predominantemente habitada por índios guaranis. Adentramos a momentos delicados e dolorosos de sua vida, os primeiros anos em Buenos Aires, a psiquiatria, a psicanálise, o marxismo, sua preocupação com o coletivo. Vivenciamos seu modo de criação, que se baseia na necessidade de coexistência da articulação da teoria com a prática de maneira dialética. A opção por tal traçado não é aleatória uma vez que Pichon-Rivière alinhava sua vida à sua teoria, enlaçando fatos marcantes vividos por ele à criação de seus conceitos, fazendo da teoria o resultado da história de uma vida. Esta reflexão somada à revisão dos elementos presentes nos grupos na perspectiva pichoniana pode instrumentalizar e enriquecer as práticas e, ao mesmo tempo, quando trazida para os dias atuais, pode reforçar a potência e o lugar dos grupos.

Palavras-chave: grupos, grupo interno, psicanálise, Pichon-Rivière

Marta Maria Okamoto

**Revisiting Enrique Pichon-Rivière:
Internal Group, history of origin and social context**

Abstract: This study aims at revisiting the theory of Operative Groups and its author, Enrique Pichon-Rivière, the importance of working with groups in different settings, its power and the vigor of such resource. From his theory, we circumscribe the concept of internal group for the interesting definition linked to what each person carries with him/her from his/her life history, which is updated when entering a group. Having this conceptual framework in mind, we go through his writings, starting from the origins of the term *group* and going as far as the strong influence his theory had on the reality of the Brazilian mental health in the 1970s and 1980s. Going one step further past, we return to the first years of his life and we follow his living in the northern region of Argentina, predominantly inhabited by Guaraní Indians. We enter the delicate and painful moments of his life, the first years in Buenos Aires, psychiatry, psychoanalysis, Marxism, his concern with the collective. We experience his form of creation, which is based on the need of coexisting articulation of theory and practice in a dialectical way. The choice for such a path is not random as Pichon-Rivière aligned his life with his theory, linking the striking facts he lived with the creation of his concepts, making his theory as the outcome of the story of a life. This reflection put together with the revision of the elements the Pichonian perspective identifies in the groups, can instrumentalize and enhance the practices and, at the same time, when brought to the present day, can reinforce the power and the place of the groups.

Keywords: internal group, groups, psychoanalysis, Pichon-Rivière

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. Por que Pichon-Rivière e sua teoria dos grupos operativos?	8
1.2. A origem antes do nome	9
1.3. No Brasil.....	12
1.3.1. Os argentinos estão chegando.....	12
1.3.2. A Psiquiatria Brasileira se transforma	13
1.3.3. Enquanto isso em São Paulo... ..	15
1.4. O percurso de uma terapeuta	17
1.5. Hoje (2016)	19
2. HISTÓRIA	21
2.1. História antes da história	22
2.2. Buenos Aires	25
2.3. Hospícios e Psiquiatria.....	26
2.4. Instituições de formação	30
3. CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA.....	35
3.1. Referências e experiências	36
3.2. Psicose, Crise e os Grupos.....	43
3.3. Conceitos Fundamentais.....	47
3.3.1. Teoria do vínculo.....	47
3.3.2. Grupos operativos	50
3.3.3. Esquema conceitual e referencial operativo (ECRO)	59
4. GRUPO INTERNO	62
4.1. George H. Mead e a Teoria dos Papéis	67
4.2. A criação de um conceito	70
4.3. Transferência nos grupos	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre a introdução de um trabalho coloca o autor necessariamente diante da tarefa de transmitir uma ideia, uma intenção, uma proposta. Implica em um recorte sobre um tema, frequentemente vasto, que exige de quem se propõe a tal empreitada suportar aquilo que não se esgotará nas próprias palavras. Ainda que o ideal seja, quase sempre, alcançar os confins, a vastidão da compreensão dos conceitos e das experiências, o que por fim acabamos experimentando de fato é o sabor das inúmeras linhas de fuga que podem se abrir no horizonte à frente a partir de nossas reflexões. Linhas que outros assumirão nos transformando apenas em elos de uma cadeia infinita na construção do conhecimento.

Diante desta paisagem, os recortes foram feitos. Nada mais respeitoso ao leitor que localizá-lo sobre quais temas foram privilegiados e as razões dessas escolhas.

Começaremos pela biografia de Pichon-Rivière. Na sequência partiremos do vasto tema dos *grupos* para traçarmos o caminho até o recorte circunscrito nesta dissertação: o conceito de grupo interno, criado e desenvolvido por ele. No caminho de um ao outro privilegiaremos ajustar nossa lente sobre a importância dos grupos, sobre o seu funcionamento, a partir de uma reflexão sobre os inúmeros sentidos para a sua existência.

A escolha deste percurso deve-se principalmente ao fato de que, ao acompanhar a narrativa de Pichon-Rivière sobre sua vida e o seu percurso teórico-prático, observa-se um entrelaçamento entre estes dois momentos, que ele faz questão de sublinhar, atribuindo alguns achados da teoria e reflexões sobre a prática à maneira como viveu e entendeu a própria história.

Poderia dizer que minha vocação pelas Ciências do Homem surge da tentativa de resolver a obscuridade do conflito entre duas culturas. Com as raízes da emigração de meus pais de Genebra para o Chaco fui, desde os 4 anos, testemunha e protagonista da inserção de um grupo minoritário europeu em um estilo de vida primitivo. Assim, deu-se em mim a incorporação, certamente não inteiramente discriminada, de dois modelos culturais quase opostos. Meu interesse pela observação da realidade teve, inicialmente, características pré-científicas e, mais exatamente, místicas e

mágicas, adquirindo uma metodologia científica através da tarefa psiquiátrica (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 2).

Sobre a teoria pensada e efetivamente construída, articulada com a experiência pessoal e com a clínica em suas múltiplas faces, estar em quaisquer grupos é estar neles com toda a radicalidade de perder o que é próprio e singular para se entregar ao coletivo, ao mesmo tempo em que é impossível sair da experiência grupal sem ver iluminado dentro de si o que é mais próprio e único de cada um.

Interessa-nos a teoria viva, pulsante, aquela que se aproxima do cotidiano das práticas institucionais, aquela que faz girar a roda da reflexão sobre as inquietações e sobre os inúmeros desafios colocados por quem se aventura na clínica dos grupos. Pichon-Rivière acreditava que não era possível falar sobre os grupos sem estar neles, sem estar dentro e fora, e com este movimento dialético construir uma teoria que ganha legitimidade quando ecoa naqueles que estão envolvidos nas diferentes práticas grupais.

1.1. Por que Pichon-Rivière e sua teoria dos grupos operativos?

Talvez a melhor pergunta fosse: por que voltar a Pichon-Rivière hoje em uma dissertação de mestrado?

Talvez a resposta esteja justamente na forma como Pichon-Rivière viveu, pensou e construiu a sua teoria. Desde muito jovem, esteve atento ao que acontecia à sua volta: o outro, muito diferente dele, o interessava profundamente. Quis encontrar nas diferenças e em seu estranhamento pontos de contato e de identificação. A partir de suas observações dos trabalhadores de saúde mental em sofrimento, das famílias dos pacientes profundamente angustiadas, ele pensou e construiu sua teoria sobre os grupos. Enxergou ali potências desperdiçadas, recursos sub-utilizados, ofereceu espaços, se propôs a escutar e a ajudar para que esses conteúdos pudessem aparecer; partindo dessa posição, favoreceu que os profissionais pudessem se apropriar de um conhecimento que nem eles mesmos sabiam que tinham.

Nunca assumiu uma posição arrogante de quem leva o conhecimento, mas sempre de quem facilita que o grupo construa seu próprio conhecimento. Nessa

posição de respeito e escuta atenta ao outro, Pichon-Rivière cria a sua teoria. Os grupos operativos nada mais são do que grupos com tarefas específicas, coordenados e que constroem seus próprios caminhos para alcançar seus objetivos, com o auxílio de um coordenador que interprete as dificuldades que atravessam e que atrapalham ou impedem a execução de sua tarefa.

Recuperar a teoria pichoniana, ou melhor, voltar a Pichon-Rivière pode ter inúmeros sentidos neste momento. Psiquiatra e psicanalista, ele entrou no cotidiano dos grandes hospitais psiquiátricos entre os anos de 1940 e 1950, mergulhou na experiência, se implicou, se interrogou, escutou, e só neste movimento fez-se possível construir a teoria. Valorizou a experiência que já existia ali, apostou na potência dos grupos e nesse encontro dos diferentes. Acreditou na força dos coletivos e fez sua obra calcada na necessária e inevitável articulação entre o sujeito e o social, entre o paciente e sua família, entre os grupos e as instituições, entre as instituições e a política, enxergou que nesse movimento se reúnem as condições necessárias para as transformações desejadas.

Por ter se posicionado sempre dentro da prática, próximo dos trabalhadores, das famílias e dos pacientes, a teoria de Pichon-Rivière é viva, pulsante, e toca diretamente aqueles que trabalham em grupos e nas instituições. Por não ter pudor de articular passagens de sua história pessoal com a sua experiência de psicanalista e psiquiatra, seu pensamento se aproxima de quem o lê, demonstrando que a teoria pensada isoladamente pode ser letra morta, mas já quando articulada com diferentes contextos, com outras teorias, com elementos do cotidiano, ganha vida, força e sentido.

Talvez não seja a teoria pichoniana que sensibilize o leitor, mas, se o sentido e a importância dos coletivos, dos agrupamentos puderem ser reconhecidos e valorizados, essa dissertação terá alcançado seu objetivo.

1.2. A origem antes do nome

Em seu livro "O Campo Grupal - Notas para uma genealogia", Ana Maria Fernandez (2006) percorre o caminho da origem do vocábulo "grupo". Tanto o termo francês *groupe*, como o castelhano *grupo* tiveram origem no termo italiano *gruppo* ou *gruppo*. *Gruppo* aludia ao conjunto de pessoas esculpidas ou pintadas e passou a significar, no século XVIII, uma reunião de pessoas. O *gruppo scultorio* é uma

forma artística típica do Renascimento através da qual as esculturas que, em tempos medievais, estavam sempre integradas a um único bloco, passaram a ter volume, destacadas do bloco, permitindo que se pudesse rodeá-las para a sua apreciação. Essas figuras, porém, adquiriam sentido quando eram observadas em conjunto, mais do que isoladamente. Parece ainda que uma das acepções do vocábulo *groppo*, antes de tornar-se o conjunto de pessoas, era nó. Derivado do antigo provençal *grop* = nó e este, por sua vez, derivado do germânico *kruppa* = massa arredondada, aludindo a sua forma circular.

Podemos então observar que estão presentes no vocábulo duas linhas que se encontram frequentemente em toda reflexão sobre o grupal. Por um lado, o nó que remete ao grau de coesão necessária entre os membros do grupo e que sublinha enlaces e desenlaces diversos, pontuais, simultâneos, fugazes ou duradouros de subjetividades que se produzem nos acontecimentos grupais, e, por outro lado, massa arredondada que traz consigo a idéia de círculo, de reunião de pessoas. Até hoje a disposição em círculo é a eleita para o trabalho em grupos e acredita-se que isso implica numa particular estruturação das trocas entre seus integrantes (FERNANDEZ, 2006).

Em diferentes momentos da história, o formato de grupo foi a escolha privilegiada para proporcionar trocas nos mais diversos contextos, seja na política, na saúde, na educação, ou no mundo corporativo.

Segundo Anzieu e Martin (1971), a ideia principal aqui é que o formato circular dos grupos fortalece a ideia do encontro de iguais. Os autores consideram que talvez este formato decorra de uma tradição celta, primeiramente os cavaleiros da Távola Redonda e, mais tarde, os Templários. Posicionados em círculo diante do altar, estariam à mesma distância de Deus.

Nas línguas antigas não existe nenhum termo que designe este tipo particular de reunião de pessoas (ANZIEU; MARTIN, 1971). Seu surgimento é sintônico com a constituição da subjetividade moderna e diz respeito ao encontro de pessoas com um objetivo comum.

A leitura sociológica reforça a potência e a ameaça que os grupos representam frente a toda ordem instituída. Historicamente há uma resistência ao grupo e com o que ele significa. Anzieu e Martin citam uma pesquisa realizada na França sobre as representações coletivas de grupo, onde surgem resultados interessantes para pensar essa resistência, tais como: o trabalho em grupo requer

um descentramento na relação consigo mesmo, o que pode significar uma alienação de si mesmo, um ataque à autonomia, uma violação da personalidade, um perigo para a dignidade, etc. O resultado desta pesquisa conclui que o sujeito aceita calorosamente os grupos que o precedem e rejeita os que se seguem, aceita calorosamente o grupo de amigos, mas vive como imposição o grupo de trabalho. Seguindo a psicanálise, para pensar tais resultados, Anzieu conclui que o grupo se apresenta como um obstáculo para uma relação privilegiada e exclusiva com o líder ou com um outro membro, ou seja, como um impedimento da realização do desejo edípico.

Se nos encaminhamos para o campo da sociologia necessariamente teremos que pensar a importância e a força dos grupos frente às grandes organizações e à figura do Estado. Os grupos tanto podem ser uma força a seu favor, como também uma força que pode se voltar contra aquilo a que ele se refere, daí o receio dos grupos espontâneos, tanto por parte do Estado, como por parte da igreja, do exército, das escolas; todo grupo que se isola conspira, ou pode conspirar. Toda instituição se apresenta como um verdadeiro bem e a vida do grupo autônomo como virtualmente perigosa (ANZIEU; MARTIN, 1971).

Ao nos determos em refletir sobre os grupos, estaremos tocando em diferentes sentidos e possibilidades que comportam: eles podem ser disruptivos e revolucionários por contestarem a ordem instituída, podem se tornar espaços de fechamento e segregação do que está fora dele, ou ainda, espaços de conformismo e aceitação do *status quo*.

Neste trabalho nos interessa pensar sobre os grupos que se transformam e que, ao fazerem isso, transformam o seu contexto e seus próprios membros.

Aqui, quando falarmos sobre o surgimento da teoria dos grupos de Pichon-Rivière, será no campo da saúde mental, uma vez que, dada sua formação como psiquiatra e psicanalista, é neste território que fará suas descobertas e reflexões. É aí também que será mais conhecido, em instituições e entre os profissionais ligados à saúde.

A reflexão sobre sua teoria e clínica só ganha relevância se pudermos contextualizar o quanto foi possível através de sua teoria dos grupos operativos mudar paradigmas, direções de tratamento, mexer e mobilizar lugares cristalizados dentro de uma equipe multidisciplinar, olhar para o outro tão diferente de nós enxergando nossas semelhanças. Este texto que ora se apresenta está lastreado

em um percurso histórico importante em que diferentes concepções sobre grupos, instituições e loucuras estavam sendo questionados.

Para este nosso estudo sobre o tema dos grupos e sobre a importância da teoria de Pichon-Rivière, interessa-nos também localizar historicamente, na realidade brasileira, sua influência e sua presença. Consideramos para tal afirmação a forte presença de psicanalistas argentinos que se exilaram no Brasil no final dos anos de 1970. Estes trouxeram para a realidade da saúde pública brasileira, particularmente para a saúde mental, uma formação alicerçada na psicanálise e na teoria dos grupos operativos. Sendo muitos deles discípulos diretos de Pichon-Rivière, fizeram de sua teoria e de seu posicionamento ético e político marcas presentes em mais de uma geração de profissionais ligados à saúde.

1.3. No Brasil

1.3.1. Os argentinos estão chegando

No começo dos anos de 1970 inicia-se uma primeira vinda de argentinos ao Brasil para supervisões e grupos de estudos. Eles eram ligados à Associação Psicanalítica Argentina (APA), que era filiada à International Psychoanalytical Association (IPA)¹. Esta primeira leva de psicanalistas argentinos, ainda fortemente marcada por uma certa ideia de "propriedade" do inconsciente restrita às instituições psicanalíticas oficiais, traz consigo também as ideias de José Bleger (discípulo de Pichon-Rivière). Este articulou pela primeira vez Psicanálise e Marxismo e afirmava que cabia aos psicólogos a tarefa política de agentes de mudança social nas instituições, grupos, comunidades, etc (RODRIGUES, 2005).

Enquanto o Brasil começava a abertura política lenta e gradual, a Argentina mergulhava no anunciado e realizado golpe militar (1976). Este momento provoca uma segunda onda de psicanalistas argentinos, agora vindos na condição de exilados políticos. Muitos deles pertenciam a um movimento dissidente da APA, o grupo Plataforma Argentino, que questionava fortemente a ideologia burguesa em diferentes níveis das instituições psicanalíticas, e que entendia que as práticas psi tinham que se articular com as lutas políticas. Este grupo teve os apoios

¹ Instituição de psicanálise a qual parte das instituições psicanalíticas ao redor do mundo estão subordinadas.

fundamentais de Marie Langer e Pichon-Rivière, que tinham sido fundadores da APA (RODRIGUES, 2005).

Em 1977, chega ao Rio de Janeiro Gregorio Baremlitt, integrante do grupo Plataforma. Algum tempo depois, junto com Chaim Samuel Katz, funda o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI), instituição dedicada a formar psicanalistas e socioanalistas, sempre com a ênfase numa formação acessível, favorecendo a apreensão da relação entre inconsciente e social, afastando-se do modelo de formação imposto pelas sociedades psicanalíticas tradicionais, inclusive por aceitar, em seu curso de formação, profissionais não ligados à área psi: engenheiros, filósofos, administradores, etc.

Na formação oferecida pelo IBRAPSI há forte presença da socioanálise, tanto a de inspiração francesa quanto a das experiências latino-americanas de articulação entre as dimensões subjetiva e política, que fazem discussões e elaborações em forma de grupos operativos realizados após as aulas teóricas (RODRIGUES, 2005).

Em 1978, o IBRAPSI organiza o “I Congresso Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições” no Rio de Janeiro, onde comparecem Franco Basaglia, Felix Guattari, Robert Castel, Erving Goffman, entre outros, e onde foi exposta a realidade da crueldade e violência da assistência psiquiátrica no Brasil.

Em 1982, a elaboração do IBRAPSI começa a se transformar em produção textual com o lançamento da coletânea *Grupos: Teoria e Técnica*, organizado pelo argentino Osvaldo Saidón. Além disso, seus professores vinham estudando autores como Robert Castel, Félix Guattari, Giles Deleuze, tornando a abordagem do Instituto menos epistemológica e mais sócio-política (RODRIGUES, 2005).

1.3.2. A Psiquiatria Brasileira se transforma

Data do início dos anos 1980 a trajetória da Reforma Psiquiátrica Brasileira, influenciada pelo Movimento da Psiquiatria Democrática Italiana iniciada por Franco Basaglia. Sua perspectiva da desinstitucionalização crítica de forma veemente teórica e praticamente a lógica manicomial em todos os seus níveis (cultural, político, científico, etc). Neste momento, o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MSTSM) assume um tom crítico às instituições psiquiátricas asilares e violentas associando-as à lógica da ditadura política vigente. Tal movimento que se caracterizou por prescindir de organizações mais hierarquizadas e cristalizadas se

capilariza em grupos, comissões e movimentos diversos, o que lhe confere uma força e uma presença em muitas manifestações. Em 1987, em Bauru (SP), no II Congresso Nacional dos Trabalhadores de Saúde Mental, cria-se o lema *Por uma sociedade sem manicômios* e o movimento ganha contornos de movimento popular, incluindo em suas reivindicações os usuários, seus familiares e a sociedade de forma geral (AMARANTE, 2011).

No ano de 1987, começa a funcionar o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Luís da Rocha Cerqueira, na cidade de São Paulo, serviço que se propõe a ser substitutivo ao hospital psiquiátrico tradicional. Simultaneamente acontece no Instituto Sedes Sapientiae, também em São Paulo, o 1º Curso de Agentes de Saúde Mental com a presença de analistas institucionais argentinos (Sergio Maida, Isabel Marazina, Antonio Lancetti), de filósofos (Luiz Fuganti), de psicodramatistas (Antonio C. Cesarino, Pedro Mascarenhas), de sanitaristas, de historiadores, etc

Em 1989, em Santos, no Estado de São Paulo, após várias denúncias de maus tratos a usuários, a Secretaria Municipal de Higiene e Saúde intervém na Casa de Saúde Anchieta (instituição privada com convênio público). Mais que uma intervenção, foi uma desmontagem de um certo modelo institucional asilar e violento, e, em seu lugar, nasceu a proposta de criação de uma forma coletiva, um novo dispositivo institucional: os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS), um serviço comunitário de portas abertas 24h por dia, todos os dias da semana. Sua proposta era a de promover uma nova relação com a loucura através da cultura, de projetos sociais e de lar abrigado. Modelo calcado na experiência italiana de desinstitucionalização, está em sintonia com o Projeto de Lei que regulamenta os direitos dos doentes mentais e a progressiva extinção dos manicômios criada no mesmo ano por Paulo Delgado. Tal Projeto de Lei tramitou por 10 anos até ser sancionado pelo então presidente da República em 06/04/2001, tornando-se a Lei 10.216 que dispõe sobre a proteção dos direitos dos portadores de transtornos mentais, bem como sobre o redirecionamento do modelo assistencial até então vigente (RODRIGUES, 2005).

A implementação de tal Lei ainda está sendo realizada: 15 anos depois, a desmontagem do sistema asilar e manicomial vem sendo realizada enfrentando os interesses de fortes grupos movidos pelos lucros das longas internações, bem como a resistência das famílias que acreditam que a internação pode ser uma via de tratamento, e de parte da classe médica que aposta na medicalização e no

isolamento dos pacientes como forma de responder ao sofrimento psíquico. Há muitos obstáculos a serem transpostos para se afirmar uma perspectiva mais humana de enfrentamento do adoecimento e uma implicação de todos: famílias, técnicos, Estado, sociedade, todos são responsáveis por esta tarefa.

1.3.3. Enquanto isso em São Paulo...

Em 1978, na cidade de São Paulo, funda-se o Hospital-Dia "A CASA", instituição criada pela psicanalista argentina Beatriz Aguirre e pelos psicanalistas brasileiros Nelson Carrozzo e Moisés Rodrigues da Silva Jr., que propõe um outro modelo de atendimento a pacientes psicóticos e suas famílias, muito diverso do que se propunha até então. Com um modelo apoiado teoricamente na psicanálise de inspiração francesa (Jacques Lacan, Piera Aulagnier, Pierre Fedida entre outros), na clínica dos grupos operativos de Pichon-Rivière, na teoria da Análise Institucional e em aproximações com a esquizoanálise de Deleuze e Guattari, A CASA teve forte influência na maneira como se pensava e se tratava a doença mental até então.

O tratamento se dava todos os dias, das 9 da manhã às 17 horas de segunda a sexta feira. Esse tipo de proposta intensiva tinha como objetivo não retirar o paciente do convívio social, familiar, evitando a internação tradicional nos moldes manicomiais. Um dos pilares do tratamento era o atendimento em psicoterapia familiar, o paciente era tomado como um emergente da dinâmica familiar. Não eram feitos atendimentos individuais, todas as terapias eram grupais: terapia ocupacional, vivências corporais, atividades diversas, fotografia e grupos de psicoterapia verbal.

Não existia uma preocupação com o diagnóstico psiquiátrico clássico, mas sim com um diagnóstico dinâmico realizado a partir da reconstrução da história do sujeito, dos mitos familiares e das marcas que esta história provocou.

A proposta dos grupos, inspirado no modelo pichoniano de fazer o grupo operar, trabalhar, ser sujeito, passava por oferecer um outro modelo de relação interpessoal, muito diferente daquele mais frequentemente conhecido pelo paciente, o modelo dual. No grupo trabalhavam-se os diferentes discursos, como eles podiam ou não interagir, os diferentes tempos, tempo da fala, tempo da escuta, a implicação com o sofrimento do outro, a construção e o fortalecimento dos vínculos entre todos os participantes.

Essa proposta considerava a função que o paciente tem dentro da família e a inclusão desta no tratamento para que ele não seja simplesmente "depositado" na instituição, uma vez que a produção da loucura implica a todos. E para que esta implicação se dê é necessário que o terapeuta que os recebe também trabalhe numa perspectiva de que está diante de um grupo que sofre e que há ali uma demanda parcialmente explícita de cuidados (CESARINO,1989).

A psicose era entendida ali como uma produção histórica dentro de uma família, não se desiste da família nem se luta contra ela; o trabalho era localizar os pontos de sofrimento e loucura e sua necessidade de ser cuidada (CESARINO,1989).

Pela complexidade de sintomas, pela circulação e deposição maciça de conteúdos, os atendimentos familiares e a coordenação dos grupos eram realizados sempre em co-terapia; os terapeutas se revezavam em movimentos de aproximação e distanciamento constantes.

Com uma preocupação e um olhar sobre a dinâmica de sua equipe e os efeitos de tamanha aproximação com a psicose, a direção de A CASA instituiu a supervisão institucional mensal com um supervisor externo à equipe. Sua função era facilitar que a equipe trabalhasse as relações entre si, entendendo seus movimentos e suas atuações, realizando, assim, melhor sua tarefa.

Tendo um forte acento na clínica fora do âmbito institucional, traz da Argentina a função "amigo qualificado", que mais tarde passa a se chamar *acompanhante terapêutico*, criando o primeiro grupo de acompanhantes terapêuticos do Brasil.

Os acompanhantes terapêuticos eram considerados, neste momento, um prolongamento da instituição. Sua função era servir de vínculo entre o paciente e o mundo; o acompanhante recebia formação teórico clínica e retaguarda institucional. Os acompanhantes eram indicados para situações onde o paciente apresentava muitas dificuldades para sair do isolamento, até mesmo nos finais de semana onde a convivência com a família era muito tensa ou tumultuada. Nesses momentos, o acompanhante funcionava como uma espécie de mediador, ajudando na comunicação entre os membros da família e o paciente, como um elemento externo ao drama familiar com a função de retirá-lo momentaneamente de cena, incluindo-o em outros espaços.

Além do trabalho de assistência, A CASA tinha forte preocupação com a formação de sua equipe, e, portanto, em oferecer uma consistência teórica para

todos que ali trabalharam. Para além disso, ocupava-se também em contribuir para a construção de uma rede de atendimento em saúde mental na rede pública de saúde. Tal participação era realizada através de supervisões clínicas dos equipamentos públicos, ambulatorios de saúde mental e hospitais-dia, que eram conduzidas por membros da equipe.

Neste sentido, A CASA ofereceu durante muitos anos um curso, similar ao oferecido no Instituto Pichon-Rivière em Buenos Aires, de "Formação de Coordenadores de Grupos e Psicanálise", com uma estrutura de funcionamento que consistia em uma aula teórica para todos e posteriormente em uma discussão sobre os conteúdos da aula, feita em pequenos grupos com um coordenador (que através de intervenções pontuais auxiliava o grupo para que realizasse sua tarefa) e um observador (que registrava os movimentos da dinâmica grupal). Após este momento todos se reuniam novamente e os observadores relatavam para o grande grupo como tinham acontecido as discussões.

Dentro desse contexto institucional e histórico, faremos a seguir um recorte singularizando o percurso da autora que neste momento pertencia à equipe da A CASA, e a influência da teoria pichoniana em sua formação,

1.4. O percurso de uma terapeuta

Falar sobre o percurso próprio envolve muitas delicadezas.

Olhar para a própria história com a generosidade e a complacência necessárias e condizentes com a maturidade que se volta para a juventude e que entende as escolhas, acertos e equívocos possíveis e pertinentes para aquele momento.

Retirar desse percurso o que de fato importa e interessa ao leitor para se localizar e entender certas escolhas da autora. Escolher é arriscar, e arriscar é sempre apostar.

Início dos anos 1980...

Jovem psicóloga, recém-formada precisando de um emprego, quase que por acaso chega à CASA, quase sem nenhuma ideia do que seja a psicose e pouca aproximação com a Psicanálise. Naquele momento, trabalhar em instituição, em equipe, com grupos, não passava de palavras sem muita substância.

Após 3 minutos de entrevista para o trabalho com Beatriz Aguirre escuta quase de forma imperativa: "a supervisão dos acompanhantes terapêuticos (AT) está acontecendo, entre nela, vá lá e veja como se faz", fala iniciática e afirmativa do valor da experiência. Dois dias depois já estava na Av. Ibirapuera (importante avenida em São Paulo) andando lado a lado com sua primeira paciente de AT. Um ano depois, por uma contingência circunstancial da instituição, coordenava seu primeiro grupo de pacientes psicóticos com um co-terapeuta tão inexperiente quanto ela.

O que era trabalhar em uma instituição, com psicóticos e em equipe eram mistérios que foram se esclarecendo neste caminho particular que vai da experiência para a teoria: colocar-se disponível para fazer para depois entender o que se fez. Ponto fundamental e fundante do percurso ali.

Durante um longo tempo cumpriu à risca as máximas institucionais: observe, preste atenção, escute, aprenda com o outro. Ver um outro terapeuta trabalhar é um privilégio para quem se aventura nos desafios de trabalhar junto, de coordenar um grupo, de atender uma família. É suportar as críticas, ouvir elogios, ver seus equívocos expostos, mas também compartilhar, refletir, criar junto.

Tempo de ver, escutar, aprender, tempo de teorizar, momento de entender.

É chegado o momento do estudo, de dar consistência e colocar palavras nesta imersão, mergulho que o trabalho com a psicose exige, experiência que exige a presença dos pares, companhia e compartilhamento de vivências de fragmentação, de morte, de angústias primárias, de vivências radicais. A equipe torna-se uma rede de segurança que permite que o terapeuta se lance sem o temor de se precipitar no vazio.

Através da teoria, encontrar os princípios norteadores da instituição, a direção do tratamento. Forte investimento no estudo da psicanálise de Freud, Lacan, Piera Aulagnier, Gisela Pankow, na análise institucional de René Lourau e Georges Lapassade, na teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière e na esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Além dos referenciais teóricos, a presença regular de um supervisor institucional. Personagem autorizado pela equipe, que com sua exterioridade auxiliava a equipe a enfrentar seus impasses, dilemas, conflitos, mas que também e, talvez principalmente, era o elemento que facilitava que aquele grupo de pessoas se enxergasse como uma equipe funcionando, fortalecendo os laços grupais e

enfatizando a condição de que o trabalho institucional só é possível na aliança entre os pares, na partilha do trabalho cotidiano, na possibilidade de se pensar conjuntamente.

A teoria articulada com a experiência torna-se viva, dá os sentidos necessários para os gestos, para as falas, para as interpretações. A cena institucional é sempre composta desse colocar-se intensamente nos encontros com os pacientes e suas famílias, com os grupos.

É necessário olhar para essa experiência atenta às diferentes e necessárias camadas que precisam ser vistas dentro de uma instituição. Desta como um todo e das diferentes instâncias das quais ela tem que se remeter para fora, o trabalho interno, o projeto de tratamento, o funcionamento da equipe e suas relações, os espaços necessários de encontro e reflexão sobre o que se faz, momentos de respiro onde uma equipe pode se olhar. E a pergunta pessoal e própria que cada um tem que se fazer em algum momento sobre porque se está ali: resposta a ser dada para si e que remete a história de cada um. Quem se dispõe a trabalhar com a loucura, nas instituições, terá que em momentos diversos atravessar essas camadas, indo do contexto mais amplo para o pequeno, o pessoal, aquele que nos implica nesta tarefa.

1.5. Hoje (2016)

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são o centro da rede de atendimento à saúde mental. Seguem as diretrizes da Política Nacional de atendimento aos pacientes com transtornos mentais graves, que afirma que o tratamento se dê no território, no campo social, evitando as desumanas e violentas internações por prazo indeterminado. Trabalham constituindo e fortalecendo a rede para dar conta das diversas necessidades dos usuários. Seu trabalho se dá fora da instituição na composição com outros equipamentos públicos ou privados, e internamente no tratamento em grupos e acompanhamento das famílias, além de oferecerem também tratamento médico psiquiátrico.

Os serviços de atenção psicossocial devem sair da sede do serviço e buscar na sociedade vínculos que complementem e ampliem os recursos existentes. Funcionando em rede, devem se articular com todos os recursos existentes no campo da saúde mental, isto é, com a Rede de Atenção à Saúde Mental

(cooperativas, residências terapêuticas, ambulatórios, etc), no campo da saúde em geral (centros de saúde, rede básica, etc) e no âmbito das políticas públicas em geral (previdência social, igrejas, políticas educacionais para jovens, crianças e idosos, etc) (AMARANTE, 2011).

Um dos principais objetivos dos CAPS é evitar que o paciente inicie uma "carreira psiquiátrica" indo de internação em internação, interrompendo este ciclo repetitivo, vicioso, inútil que transforma o sujeito em um morto-vivo, zumbi dos tempos modernos. Os CAPS resgatam o sujeito e sua dignidade oferecendo, de fato, uma oportunidade de reinserção no conjunto da sociedade.

Para que os CAPS cumpram a sua missão, é necessário que as equipes sejam investidas e bem preparadas para cumprirem a sua função. O que é necessário para que isto se dê?

Investimento na formação teórica das equipes para que elas tenham elementos para nomear o trabalho que realizam. Apropriando-se da teoria, a equipe ganha consistência em suas intervenções, autorizando-se a coordenar grupos, atender as famílias com mais tranquilidade e alguma segurança. Ao nomear, ganham condições para achar caminhos nos impasses cotidianos, muitas vezes inventando alternativas para as diferentes situações que se apresentam. Investimento e reconhecimento na importância da supervisão institucional como um espaço privilegiado e necessário para que a equipe possa refletir sobre a sua prática, enfrentar suas dificuldades nas relações entre seus membros, construir conhecimento conjunto, enfim, transformar-se em equipe.

2. HISTÓRIA

Como crônica do itinerário de um pensamento, ele será necessariamente autobiográfico, na medida em que o esquema de referência de um autor não só se estrutura como uma organização conceitual, mas se sustenta em alicerce motivacional, de experiências vividas. É através delas que o investigador construirá seu mundo interno, habitado por pessoas, lugares e vínculos que, articulando-se com um tempo próprio, num processo criador, irão configurar a estratégia da descoberta.

(PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.1)

Este capítulo tem por objetivo colocar o leitor dentro da vida de Pichon-Rivière. Acompanhar sua história e seu percurso, conectar-se às suas motivações, entendendo como ele, a partir do vivido, foi se mobilizando para buscar teorias que o explicassem, ou, talvez principalmente, criando teorias que agregassem sentidos para a riqueza da experiência.

Falar sobre a vida de qualquer pensador é sempre tarefa arriscada e temerária. Como escrever sem julgamentos pró ou contra, sem inclinar-se para um lado que mais interessa mostrar, como ser imparcial? É necessário ser imparcial? Quando comecei minha pesquisa tinha uma proposta ainda pouco delineada de falar sobre o trabalho com grupos, apoiada em muitos anos de experiência clínica com grupos de pacientes e atendimento de famílias. Minha intenção foi se definindo e também se limitando dada a restrição de tempo e de espaço de uma dissertação.

Neste trabalho de delimitação, circunscrevi a pesquisa à teoria de Grupos Operativos de Enrique Pichon-Rivière. Ainda me deparando com uma tarefa por demais grandiosa, tratei de delimitar mais ainda, e nesse momento chego ao conceito de Grupo Interno. Uma forma de dar um recorte à vasta produção de Pichon-Rivière para que coubesse numa dissertação de mestrado.

Ao iniciar esta aventura de estudos, de recortes e de descobertas adentrei profundamente no personagem Pichon-Rivière, em quem ele foi e em como viveu. Nele descobri a impossibilidade de dissociar a vida da obra. Como falar de grupos, sem falar de índios e loucos? Como falar do estranho em nós, sem falar do que é

um suíço em 1910 se mudar para o charco argentino? Como falar de depressão, sem contar do desconhecimento sobre a própria origem, tardiamente descoberta?

Em seu percurso ele fará sempre essa costura, raramente deixando pontos sem nó, alinhando experiências pessoais, história pessoal, prática clínica, atenção para o outro. Sempre olhará para este como para aquele estranho que quer conhecer, incluir, se aproximar. Aberto ao que possa ser o mais diferente dele, construiu espaços internos de acolhida e de pensamento para o louco, o artista, a família em sofrimento, a criança adoecida, os trabalhadores da saúde mental desiludidos, a todos acolheu e com todos trabalhou, ou fez trabalhar como gostava de dizer. Viver é trabalho, e isso Pichon-Rivière conheceu muito bem, transmitiu isso a todos que passaram por sua vida e a todos que estiveram à sua volta: a vida é um bom trabalho.

É sobre esta vida tão entramada em um trabalho que narrarei.

2.1. História antes da história

Início do século XX, a Europa está imersa em convulsões sociais, econômicas e políticas de toda ordem. Criação de movimentos sindicais, lutas operárias, gestava-se, a essa altura, as convulsões que resultariam logo depois na I Guerra Mundial (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Enrique José Pichon-Rivière nasce em Genebra, Suíça, em 25 de junho de 1907. Filho de Alphonse Pichon e de Josephine de la Rivière.

Da história anterior ao seu nascimento sabe-se que seu pai vinha de uma família de intelectuais franceses e tinha uma intensa atividade política, considerando-se um socialista radical. Ao perder sua primeira esposa, mãe de seus primeiros 5 filhos, casa-se com sua cunhada, irmã de sua esposa, que viria a ser mãe de seu último filho, Enrique.

Josephine de la Rivière vem de uma família da alta burguesia, culta, originária de Lyon, França. Tinha um perfil progressista e intelectual.

Possivelmente por razões políticas, Alphonse muda-se para Manchester, Inglaterra, ainda com a primeira esposa para lá tentar se estabelecer, afastando-se da França por pressão de sua família que temia que ele fosse perseguido politicamente. Casa-se em segundas núpcias, vai para Genebra, Suíça, onde nasce Enrique Pichon-Rivière.

Esse período contém muitas imprecisões históricas, seja por falta de registros, seja porque o próprio Pichon-Rivière em sua biografia relata não ter essas informações. Supõe-se que seu pai procurava um lugar para se estabelecer e eles passam por Genebra (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Desta cidade, Pichon-Rivière tem vagas lembranças. Uma talvez a mais marcante: brincava na mesma praça onde Lenin, quando esteve exilado na Suíça, frequentava, e em que tinha por hábito brincar com as crianças. Muitos anos mais tarde, Pichon-Rivière dirá que seu interesse pelas idéias socialistas originou-se aí (LEMA, 2004).

Da Europa partem para Buenos Aires, Argentina, em 1909. As razões dessa viagem são obscuras para o próprio Pichon-Rivière, que nesta época tinha 3 anos e apenas lembranças vagas. Ele supõe que devido ao clima convulsivo político da Europa e à crise econômica (LEMA, 2004).

Ao chegarem à Argentina, o governo local está concedendo terras para projetos agrícolas ao norte do país como incentivo para o desenvolvimento da região. E para lá partem e se instalam na cidade de Florencia, Província do Chaco, à margem direita do rio Paraná (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Nesta época, esta região era predominantemente ocupada por índios guaranis, e a pouca população de origem europeia se concentrava em pequenos povoados. O forte contato com a natureza e a postura de seus pais que cuidaram para ter uma relação respeitosa e de simpatia para com os índios marcam Pichon-Rivière (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Anos mais tarde, ele fará referência a este momento como uma rica experiência pessoal em relação ao aprendizado e à abertura necessários para os grupos humanos com tantas e profundas diferenças. Deste período, vem uma cena que recordará várias vezes: seu pai estendendo ao sol as roupas trazidas da Europa guardadas em um baú – casacos, smokings – uma vez ao mês, parecia um ritual, uma missa carregada de intensa nostalgia e melancolia. Retornará sempre a esta cena para falar do afeto sempre depressivo que o acompanhou pela vida (LEMA, 2004).

Após 4 anos, vendo sua plantação de algodão ser destruída por enchentes e gafanhotos, a família de Pichon-Rivière muda-se para a cidade de Bella Vista, Província de Corrientes. Lá, com um capataz da fazenda de seu pai aprenderá o guarani, antes do castelhano, que aprenderá anos mais tarde quando for a escola

primária. Entre 6 e 7 anos descobrirá que seus 5 irmãos o são apenas por parte de pai (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Descobre assim que seu pai se casou com sua cunhada. Pichon-Rivière fala disso como um desvelamento de um segredo familiar, como a explicação para um clima de conflito que pairava constantemente, ainda que relate sua família como profundamente afetuosa, unida e lutadora (LEMA, 2004).

Em 1917, após novo fracasso na agricultura, sua família muda-se para Goya, na mesma Província. Lá seu pai inicia uma cultura de subsistência e em seguida começa a dar aulas particulares para os filhos de famílias mais abastadas. Sua mãe também começa a dar aulas de francês e canto e acaba por fundar duas escolas; em uma delas, Pichon-Rivière conclui seus estudos.

Pichon-Rivière, ao fim da vida, falará de si como alguém acompanhado sempre por uma tristeza. Sentia a tristeza como algo fixo, lamentava-se sem saber o motivo. Acredita que foi estudar medicina e psicanálise para explicar este sentimento, sempre quis entendê-lo, questionava o mistério da tristeza e da melancolia. Ele supõe que a primeira tristeza tem origem no segundo casamento dos pais, por ser o único meio irmão entre todos os filhos. Quando se deu conta, a tristeza já havia se instalado e nunca o abandonou. Considera que a tristeza se origina em uma perda de qualquer natureza e é aí que se origina o conflito de uma existência: o trabalho da vida é dar vida ao que foi destruído (LEMA, 2004).

Desde cedo, seu interesse pelos agrupamentos o faz apaixonado por esportes, especialmente pelo futebol por sua característica grupal e também pelos índios por sua capacidade de organização e de agrupar-se trabalhando em comunidade. A adaptação de seus pais a uma realidade tão distinta do lugar de origem o ajudou a ter uma amplitude para entender o que fazer com este outro tão diferente de si; e Pichon-Rivière diz que ao ser psicanalista lembra dos pais para captar o mais profundo e o complexo da vida cotidiana (LEMA, 2004).

Apesar de sua família ter se adaptado bem a um meio tão diferente, Pichon-Rivière conta, anos depois, que vivia muitas contradições angustiantes. Em certa medida, atribui a isto ter que conciliar mundos culturais tão distantes e até opostos.

Na adolescência, teve como grande amigo o porteiro de um prostíbulo, Canoi, que o apresentou ao universo masculino e à sexualidade. Além disso, foi o primeiro a lhe falar da existência de Freud a partir de um artigo sobre anatomia que havia lido

em uma revista de variedades. Comenta que tal médico fazia a mesma coisa que Pichon-Rivière dizia querer fazer, “anatomia patológica”.

Alguns anos mais tarde, ao ensaiar uma peça de teatro na escola, encontra uma caixa com revistas científicas onde acha um artigo de Freud sobre a sexualidade². A leitura o põe em contato com a psicanálise. Desde criança nutria uma curiosidade arqueológica por saber o que há por trás do dito. Seu primeiro encontro com Freud se dá nesse encontro da curiosidade e da culpa pelo roubo da revista: a curiosidade ganha um verdadeiro valor de indagação. Nesse momento, deixa de viver a curiosidade infantil como culpa, esta ganha sentido. Lerá e estudará Freud com paixão através de obras “piratas” e a psicanálise abrirá todos os campos para indagar o desconhecido através do conhecido (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Ainda adolescente se interessará pela obra de Isadore Ducasse³ (Conde de Lautréamont), “Os Cantos de Maldoror”, considerada obra maldita. Pichon-Rivière identificava-se com ele pela origem europeia. Ducasse, vivendo também na América do Sul, marcado pelo mistério e pela tristeza, suicida-se aos 24 anos. Anos mais tarde, Pichon-Rivière irá se aproximar de um paciente com quem estabelecia longas conversas sobre Ducasse; propõe-se a analisar sua obra como um discurso de um paciente em análise, escreve um livro *Psicoanálisis del Conde de Lautréamont*, mas que nunca publicou. Para esta reflexão, usa o artigo de S. Freud, “O inquietante” de 1919, ao pensar o estranho próprio das coisas conhecidas e familiares.

2.2. Buenos Aires

Aos 19 anos, Pichon-Rivière vai para Buenos Aires para estudar medicina, instala-se em uma pensão chamada “O Francês”, localizada no prédio onde anos mais tarde será instalada a Associação Argentina de Futebol, sua paixão. Este pensará, ao longo da vida, nos cruzamentos coincidentes que não são aleatórios, carregados de simbolismo (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Encontra uma cidade efervescente, em crescimento, que se transformava cultural e intelectualmente com a presença de imigrantes europeus. Desde 1880, o

² *Três ensaios de uma teoria sobre a sexualidade*, 1905

³ Escritor considerado por André Breton, em seu Manifesto Surrealista de 1924, um dos mais importantes para este movimento.

governo argentino incentivava a imigração pela necessidade de mão de obra qualificada e aumento das exportações. Pichon-Rivière se engaja na vida intelectual e política, sendo influenciado pela ideologia marxista do início do século XX. Um tempo onde os intelectuais consideravam-se os únicos com respostas alternativas às elites e ao capitalismo (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Em Buenos Aires, amplia sua experiência boemia e os encontros intelectuais. Fascinava-se com a figura do notívago, com a qual se identificava, e que definia como sendo aquele que sofre com a solidão da noite, que se sente angustiado no espaço claustrofóbico de sua moradia, necessitando sair para as ruas em busca de companhia. Para ele, a noite era tratada como tabu que só os poetas conseguem abordar, o lugar da solidão, da finitude, da antevisão da morte (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Enquanto estudava medicina, foi trabalhar como jornalista; gostava de investigar o cotidiano portenho. Tinha as características para essa profissão: sabia escutar as pessoas e tinha grande curiosidade. Associava isto à sua infância quando espionava sua mãe reunida com amigas e estava interessado em conhecer e entender as contradições dos grupos humanos. Saber ver e escutar essa realidade do mundo dos adultos, que era também a sua realidade, relacionava-se com o desejo de desvelar o que chamava de “o grande mistério”. Essa escolha profissional - a psiquiatria e a psicanálise - se relacionava com o desejo de entender a tristeza e a melancolia, o mistério da perda e da morte; Pichon-Rivière dizia que todo ato criador resulta da elaboração da perda e da morte. Seu desejo era saber do homem e mais especificamente da tristeza.

Como se sentia habitando dois mundos, sempre buscou integrar elementos diferentes buscando uma síntese, entre arte e psiquiatria, sonhos e pensamento mágico. Seu humor sempre foi uma via de apreensão do inominável, da superação da paralisia, da ruptura dos estereótipos e da transmissão do conhecimento. Pichon-Rivière preferia o relato verbal aos textos escritos ou às formulações acadêmicas (LEMA, 2004).

2.3. Hospícios e Psiquiatria

Dentro da Medicina adota uma posição crítica, vai estudar Psiquiatria onde encontra a possibilidade de superar dilemas que vivenciava na faculdade: a

formação médica muito distanciada do ser vivo, uma formação preocupada em lidar mais com a morte do que com a vida. O ensino era sobre cadáveres, uma eleição pela morte, uma formação que preparava para os mortos, não para os vivos. Pichon-Rivière afirmava que essa contradição, um ensino sobre mortos para enfrentar os problemas da vida, persistirá como uma contradição na atividade médica (LEMA, 2004).

Na Psiquiatria, o que está em jogo é o sofrimento das pessoas que não se trata com a anestesia ou o bisturi. Desde estudante, unia o orgânico ao psíquico, abordava os pacientes desde este ponto de vista, rompia com a desunião mente e corpo (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Ainda estudante, vai trabalhar no Asilo de Torres⁴. Via os loucos como seres sofridos e marginalizados, pessoas vivas tentando se curar e a quem sempre era possível ajudar. Organiza inicialmente um time de futebol com os pacientes onde trabalha a socialização, a convivência e o cumprimento de regras. Sensibilizado pelas condições a que eram submetidos os pacientes – escondidos, estigmatizados, institucionalizados e sem receber qualquer tratamento mais estruturado –, sente a urgência de criar formas de tratamento, já influenciado pelo estudo de Freud sobre as afasias, onde há uma distinção entre o orgânico e o psíquico; partindo daí, começa a estudar profundamente os pacientes, tentando distinguir diferenças entre eles, entre transtornos por causas emocionais e orgânicas (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

Em 1936, já formado, Pichon-Rivière inicia seu trabalho que durará 12 anos no Hospício de Las Mercedes⁵. Ao ser contratado, fica responsável pela sala de admissão do hospital. Encontra uma instituição caótica, com 4500 pacientes em condições precárias, com pouco ou nenhum tratamento psiquiátrico. Vai se dando conta de que os enfermeiros não sabiam o que dizer aos familiares assustados com o medo da “contaminação” da loucura; da mobilização das famílias com a eclosão da loucura em seu meio e com a fantasia de livraram-se da ameaça “demoníaca”; com os pacientes apavorados diante da perspectiva da internação. Neste cenário, Pichon-Rivière entende que, no momento da admissão, se desenrolava um drama

⁴ Torres nos anos 30 do século XX era um pequeno povoado de Luján, cidade próxima de Buenos Aires (Velloso e Meireles, 2007).

⁵ Hospital psiquiátrico localizado na região metropolitana da cidade de Buenos Aires, hoje rebatizado de Hospital Municipal José Tiburcio Borda.

que exigia uma outra forma de abordagem para que o paciente não ficasse estigmatizado, iniciando um percurso de seguidas internações psiquiátricas.

Pichon-Rivière se vê na obrigação de transmitir conhecimentos aos enfermeiros, pois eram eles que recebiam e acompanhavam os pacientes na maior parte do tempo. Constatou que apesar de terem muita experiência, os enfermeiros careciam de informação para transmitir aos pacientes e familiares, para falar sobre as razões da crise, que não era um mal incurável, e que recuperar a saúde dependia do esforço de todos.

A partir desta leitura, ele começa a fazer grupos com os enfermeiros, em que discutem casos e o panorama da psiquiatria como um todo. Observa que tinham experiências acumuladas que não conseguiam nomear. Ao entenderem a dinâmica da doença mental, adquirem uma lucidez no trato com os pacientes. Segundo Pichon-Rivière, não há alternativa que não uma boa formação dos agentes que trabalham com a saúde.

Durante uma greve dos enfermeiros, organizou um curso rápido de enfermagem com os pacientes mais antigos para que ajudassem a receber os novos. Ao promover a passagem de enfermos para enfermeiros, viu o benefício dos pacientes se sentirem ajudando os companheiros, melhorando consideravelmente sua saúde mental, adquirindo uma adaptação dinâmica à sociedade, pois sentiam-se úteis.

Partindo das informações dos pacientes, dos atendimentos de suas famílias, a necessidade de discriminar o que era depositado em cada um dos membros, suas próprias questões, a conceitualização do que acontecia neste e nos outros grupos que organizou no serviço, suas interpretações sobre os fenômenos que observou, tudo isso vai permitir a Pichon-Rivière construir sua teoria dos grupos operativos e o conceito de ECRO (Esquema Conceitual e Referencial Operativo), que será melhor desenvolvido mais à frente (Cap. 3, Construção de uma Teoria).

Após um ano no hospital, o psiquiatra chefe é assassinado por um grupo de pacientes. Este fato dramático permitiu a Pichon-Rivière reflexões sobre o lugar do médico e a estrutura de poder envolvida nesta instituição. O médico morto era autoritário, tratava os pacientes como empregados, correspondia ao modelo típico dos médicos psiquiatras da época, não tinha um contato direto com os pacientes, apenas através dos enfermeiros. Para Pichon-Rivière, este fato foi resultante da forma desumana e humilhante imposta aos pacientes, do perigo de se tratar de

forma desrespeitosa qualquer pessoa, especialmente na posição de exercer um certo poder público. Além disto, chamou a atenção de Pichon-Rivière a maneira como o grupo de pacientes se organizou para realizar tal ato, permitindo ajudá-lo a pensar no funcionamento dos grupos (VELLOSO; MEIRELES, 2007).

O abandono dos pacientes, as péssimas condições de trabalho, a situação precária dos hospitais faz parte de uma ideologia que precisa ser analisada para ser enfrentada. Pichon-Rivière afirma que todo médico tem um papel a cumprir e que a falta de assistência é um fato que exige uma atitude dinâmica para ser enfrentada, o que não é possível de se conseguir individualmente, sendo necessário, portanto, uma tarefa coletiva. Por seu posicionamento político que contesta o funcionamento da instituição e o poder dos médicos, as atuações de Pichon-Rivière encontram forte resistência por parte destes. Ele era visto como líder das mudanças, acusado de estimular a promiscuidade e a perversão sexual. Pressionado, acaba por se demitir de Las Mercedes em 1948.

Em seu trabalho, Pichon-Rivière, enfatiza a importância da experiência e da formação para qualquer profissional da saúde, da elaboração de um critério de saúde, a partir do qual é possível entender as estruturas assistenciais, situações institucionais e pontos necessários para o desenvolvimento teórico e técnico. Só assim é possível adquirir recursos para uma transformação de si mesmo, dos pacientes e do meio.

Entendendo que toda teoria de saúde e doença implica uma concepção de sujeito, de mundo e da história que a fundamenta, para Pichon-Rivière, é primordial entender as condições de produção do que é o normal, patológico, os critérios de saúde e doença mental, e, por fim, qual a função que o aparato e a organização da saúde cumprem em uma sociedade de classes (LEMA, 2004).

Partindo desse pressuposto, Pichon-Rivière pensa o critério de saúde a partir do que chamou de *adaptação ativa*, que significa a análise das formas de relação do sujeito com o mundo. O termo adaptação não significa aqui competência social, aceitação indiscriminada de normas e valores, mas justo o contrário, uma leitura da realidade com capacidade de avaliação e propostas de mudança. Nesse sentido, o conceito de adaptação aproxima-se bastante do sentido de aprendizagem,

"*apropriação instrumental da realidade para transformá-la*"⁶ (PICHON-RIVIÈRE apud LEMA, 2004, p. 86). O sujeito está tão quanto mais apreende a realidade e tem capacidade de transformá-la, acabando por também se transformar.

Pichon-Rivière inclui em seu corpo teórico o conceito de *consciência crítica* que nada mais é do que o reconhecimento pelo sujeito das próprias necessidades e das da comunidade a qual pertence, uma apropriação de sua condição, do seu grupo e do seu povo. Afirma que a luta por saúde não é só a luta contra a doença, mas sim, essencialmente contra os fatores que a geram e a reforçam. Considera que o que subjaz à doença é uma situação de conflito social que tem na doença uma tentativa falida de resolução (LEMA, 2004).

Com forte influência do marxismo, Pichon-Rivière criticava a existência de um aparato de dominação destinado a perpetuar as relações de produção e de exploração. Deste contexto, emerge toda uma concepção de sanidade e doença que legitima um tipo de adaptação à realidade, uma forma de relação consigo mesmo e com o mundo, que é acrítica, ilusória e alienante. Pichon-Rivière afirmava que, dentre os trabalhadores da saúde mental, muitos reproduzem esse aparato, tornando-se agentes da perpetuação de um modelo de atendimento hierárquico e autoritário.

2.4. Instituições de formação

Em 1942, Pichon-Rivière juntamente com Ángel Garma, Celes Cárcamo, Arnaldo Rascovsky e Marie Langer fundam a Associação Psicanalítica Argentina – APA, que logo se filia a International Psychoanalytical Association - IPA.

Durante o período de Las Mercedes, Pichon-Rivière atraiu inúmeros candidatos à formação psicanalítica que o procuravam para supervisões clínicas, aulas teóricas e que buscavam contato com os pacientes. Ministrava aulas de psiquiatria psicanalítica, de psicologia social, de trabalho com grupos e de difusão das ideias de Melanie Klein.

Contribuiu no âmbito da APA para a formação de toda uma geração de psicanalistas argentinos. Trabalhou até o início dos anos de 1950 na Universidad de

⁶ Texto original em espanhol, tradução livre da autora

Buenos Aires - UBA, como chefe de práticas clínicas dentro da psiquiatria, deixando depois este lugar por divergências políticas.

Em 1949, funda em seu consultório o Instituto Pichon-Rivière para ter condições de continuar a sua pesquisa e a transmissão da psiquiatria dinâmica e da psicanálise. Pichon-Rivière nunca dissociou a prática do ensino e da investigação. A práxis (aqui usada no sentido que lhe atribui o marxismo, diz respeito à atividade por meio da qual o homem cria e transforma seu mundo humano e histórico e a si mesmo) (BOTTOMORE, 1988) é o lugar de onde se integra o pensar com o agir, e também a transmissão do conhecimento.

Pichon-Rivière tinha muitas críticas à psicanálise devido ao abuso das funções analíticas pelos psicanalistas. Afirmava que todo psicanalista tem uma obrigação ética e científica de fazer análise pessoal; todo psicanalista tem que seguir o caminho que o paciente propõe, não tem que ser um reformador, mas um co-pensador, alguém que pensa junto com o outro. A psicanálise, tal como ele a concebe, tem que ser espontânea e imaginativa. Uma de suas maiores críticas, não à psicanálise, mas aos psicanalistas, refere-se aos altos honorários, o que tornava a psicanálise acessível para poucos. Suas críticas também recaem sobre a psicologia que se praticava naquele momento, que via o homem como um ser estático e isolado de seu entorno social.

Em 1933, conhece Arminda Aberastury, mulher culta vinda de uma família de intelectuais. Casam-se em 1937. Ela se forma em pedagogia e, por incentivo de Pichon-Rivière, começa a estudar psicanálise; faz sua formação na Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), transformando-se em analista didata. Pichon-Rivière foi o grande incentivador para que ela se tornasse psicanalista infantil. Pioneira do movimento psicanalítico argentino, tornou-se uma das principais figuras da APA. Na linha do ensino de Melanie Klein (de quem foi a primeira tradutora em língua espanhola), desenvolveu a psicanálise de crianças. Entre 1948 e 1952, dirigiu, no quadro do Instituto de Psicanálise da APA, um seminário sobre esse tema. Permanecem casados por 19 anos (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em 1965, aos 57 anos, conhece Ana Quiroga que será sua companheira e colaboradora até sua morte em 1977. Juntos fundaram a *Primera Escuela Privada de Psicología Social* que ela preside até hoje.

O cenário político e ideológico da América do Sul, no início dos anos de 1950, estava bastante agitado; mobilizado pelas mudanças econômicas e pelo forte

desenvolvimento dos países no pós-guerra, havia uma sede de inovação emergindo novas lideranças, o que acabou por ter como consequência o surgimento de regimes ditatoriais nas décadas seguintes.

Em 1955, Pichon-Rivière funda o Instituto Argentino de Estudios Sociales - IADES, e começa a se afastar da APA. Em 1958 este passará a se chamar *Escuela Privada de Psiquiatría* e, três anos depois, *Escuela de Psiquiatría Social* (1962), antecipando-se aos movimentos da antipsiquiatria e da luta antimanicomial, com o objetivo de expandir a aplicação da psicanálise a outras áreas.

Em Rosario, José Bleger, discípulo de Pichon-Rivière, considerado por muitos seu sucessor, não fosse por sua morte precoce, cria em 1956 o primeiro curso de Psicologia da Argentina. Membro do Partido Comunista, estudioso das obras de Marx e Lênin, é expulso do partido quando se aproxima da psicanálise. Importante interlocutor de Pichon-Rivière, contribuiu para dar consistência a muitos dos conceitos sobre os quais este trabalhava.

Em 1955, Pichon-Rivière e o IADES realizam o experimento que ficou famoso como *Experiência Rosario*.

Esta experiência realizada na cidade de Rosário consistiu em um chamamento público, que envolveu pessoas dos mais variados lugares. A proposta era validar em uma prática a teoria das técnicas de grupos operativos que Pichon-Rivière vinha construindo há anos. Acorreram à convocação 300 pessoas aproximadamente.

Foram organizados grupos com coordenador e observador, que trabalharam com conteúdos diversos, contrários, dialetizando os conteúdos, superando contradições dilemáticas para transformá-las em contradições dialéticas. Foram formados inicialmente grupos heterogêneos, organizados a partir da ordem de chegada sem critérios, depois grupos homogêneos a partir de atividades profissionais semelhantes. Constatou-se que os grupos são mais produtivos quanto mais heterogêneos forem seus participantes e mais homogênea for a dedicação à tarefa.

Neste momento, sistematizaram o que foi chamado de “didática operativa”, ato fundante, inaugural da transmissão da teoria e da técnica dos grupos operativos.

Nos anos de 1950, Pichon-Rivière encontra-se pela primeira vez com Jacques Lacan quando vai a Paris para um congresso da IPA. Ambos concordarão que a gênese do sujeito se dá no interior da estrutura vincular. No entanto, para Pichon-

Rivière é necessário um terceiro generalizado que permitirá ao sujeito transitar das relações primárias para as secundárias e se inserir nas relações sociais; ele entende o sujeito a partir do materialismo dialético e histórico. Para Lacan, o Outro designa o simbólico, o lugar da lei, da linguagem, do inconsciente que determinará a formulação do desejo.

Pichon-Rivière, quando questionado por Lacan, anos mais tarde, porque psicologia social e não psicanálise social, argumentará que tanto Freud como Lacan pensam o sujeito relacional, mas ele vai pensar o sujeito agente, produtor, protagonista da história. Denominar a psicologia enfatiza o papel que cabe às relações sociais como possibilidades da ordem humana e, por conseguinte, do psiquismo.

Sobre Lacan dirá:

Uniu-me a Lacan – dentre outras coisas – uma convicção militante em relação às imensas possibilidades criativas do pensamento freudiano. E falo da militância porque, neste momento, a criatividade, no marco das sociedades psicanalíticas, significava enfrentamentos, combate, quicá ruptura. De tudo isso sabíamos largamente Lacan e eu.

Nosso encontro foi um ‘um amor à primeira vista’. Creio que Lacan me sentiu lacaniano, assim como eu o senti pichoniano. Não somos nem um nem o outro, mas Freud, o surrealismo e a cultura francesa foram as chaves de uma amizade imediata, que permanece inalterável no tempo (PICHON-RIVIÈRE, 1975, p. 1).⁷

Foi Pichon-Rivière que incentivou o jovem Oscar Masotta a procurar Lacan em Paris, ler e estudá-lo, o que foi considerado o primeiro impulso para o surgimento do movimento lacaniano na Argentina. Pichon-Rivière foi o responsável pela primeira tradução de Lacan para o espanhol na Argentina.

Em 1966, Pichon-Rivière é suspenso das atividades didáticas da APA por razões que não ficam claras. O presidente, neste momento, é Emilio Rodrigué, que anos mais tarde, em sua biografia, revelará seu arrependimento. É evidente que já surgiam os efeitos da transmissão na psicanálise e seus reflexos nas relações de poder. Pichon-Rivière tinha clareza disso sendo um crítico da ideologia dominante, mas acreditava que a resistência a isso teria que ser feita estando dentro da

⁷ Texto original em espanhol, tradução livre da autora

instituição. Seu desligamento e sua tristeza por ser afastado da instituição que fundou o acompanharam até a morte.

Em julho de 1977, Pichon-Rivière morre, aos 70 anos. Com a saúde debilitada, até o fim de sua vida esforçou-se por manter viva a proposta da transmissão. Recebia e estudava com todos os que o visitavam, inventava assuntos para conversas para ter um interlocutor presente, evitava dormir para não morrer. Amava a vida, o trabalho e os encontros, sempre inquieto e instigador, curioso e estudioso, viveu a vida até seu último momento, fiel à sua história, trabalhando.

Concluindo o relato de uma existência, em que foi possível acompanhar a vida de Pichon-Rivière e os momentos fundamentais em que, mobilizado pelo que vivia, foi construindo seu pensamento, seguiremos no próximo capítulo para o relato e reflexões de sua teoria de forma mais ampla, para no capítulo posterior nos determos no conceito específico de grupo interno.

3. CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA

*O psicanalista deve aceitar o que o paciente propõe. Deve seguir o caminho, a rota por onde este se propõe a andar. O psicanalista não tem que ser um reformador, mas um compensador. Quer dizer, alguém que pensa junto com o outro. A psicanálise deve ser espontânea, imaginativa, não presa a pautas rígidas.*⁸

(LEMA, 2004, p. 94).

A proposta de fazer um recorte na obra de Pichon-Rivière partindo de um único conceito de sua teoria foi se mostrando impossível de ser concretizada sem contextualizá-la minimamente dentro de seu universo de experiências e reflexões teóricas. Isolar o conceito de *grupo interno* seria fazer o que Pichon-Rivière sempre se opôs a fazer: olhar para um fenômeno, uma ideia, um acontecimento e ignorar que este está sempre localizado dentro de um contexto mais amplo.

Como descrito no capítulo anterior, marcado desde seu nascimento por culturas opostas, Pichon-Rivière cresceu e se desenvolveu observando-as, convivendo com elas e tendo que articulá-las. Desde jovem isto o marcou profundamente estando presente em sua maneira de enxergar o sujeito, aberto e receptivo às diferenças, atento e interessado em sua complexidade e na de seu entorno.

Em sua história pessoal, Pichon-Rivière encontra na experiência de vida a matéria para sua investigação. Por crescer em um ambiente hostil onde a natureza se impunha com muita força através das inundações, das catástrofes, ele observa que a resistência às mudanças tornava o cotidiano muito mais doloroso. Ao tornar-se psicanalista, localizará aí a origem de vários mecanismos do adoecimento psíquico. Sua biografia lhe conferiu a possibilidade de olhar sem maniqueísmos para o que se apresentava diante dele. Um certo lugar fronteiro de onde refletia sobre o familiar e o estrangeiro. Ao fazer do lugar entre dois mundos um lugar de morada, e não de segregação e desterritorialização, construiu para si uma posição privilegiada para a vivência e a compreensão do mundo à sua volta. Residindo, talvez, aí seu maior talento.

⁸ Texto original em espanhol, tradução livre da autora

As marcas de articular tão precocemente universos tão distintos estão presentes em sua teoria: tendo crescido sob forte influência da cultura guarani, suas crenças, mitos e sua organização, Pichon-Rivière encontrará nesta vivência a importância do agrupar-se, do trabalho em comunidades e de seu funcionamento. Próximo ao fim da vida, afirmará em sua biografia que nesta experiência encontra-se a origem e parte das influências para a criação de sua teoria sobre os grupos (LEMA, 2004, p.29): “Mover-se por compartimentos estanques é negar-se, antecipadamente, a conhecer o homem, esse sujeito histórico, concreto, cotidiano, com quem se pretende estabelecer um vínculo terapêutico”⁹ (PICHON-RIVIÈRE apud LEMA, 2004, p.80).

Em sua biografia, considerada oficial, Pichon-Rivière dá uma longa entrevista a Vicente Zito Lema. Nela, afirmará que o contato com a cultura guarani, os prostíbulos, a vida noturna, o Conde de Lautréamont são tão úteis quanto Freud e os conhecimentos da Medicina para enfrentar a doença mental.

3.1. Referências e experiências

A teorização e a prática com grupos será o ponto de partida e chegada do trabalho de Pichon-Rivière. Desde muito jovem, foi um arguto observador do mundo à sua volta; buscava entender o que se passava, nos sujeitos, nas relações. Acidentalmente lerá Freud aos 14 anos, já nesta perspectiva da inquietação sobre o que é o humano, e o que se passa com ele que não é evidente e nem visível. Em busca dessa compreensão, irá pensar o outro sempre contextualizado, sempre em relação a algo ou a alguém. Chegará inevitavelmente aos grupos por ver confirmado, em sua observação e em sua prática clínica, a impossibilidade de se constituir humano sem um outro que lhe seja modelo e antagonista.

A Psicanálise foi-lhe muito útil, especialmente os textos considerados antropológicos de Freud: *Totem e Tabu*, *Mal-Estar na Civilização* e *Moisés e o Monoteísmo*. Mas foi em *Psicologia das Massas* e *Análise do Eu* (iniciado em 1919 e finalizado em março de 1921) que Pichon-Rivière encontrará o princípio norteador de sua teoria sobre os grupos e a compreensão do sujeito em relação.

⁹ Texto original em espanhol, tradução livre da autora

Freud perguntava-se sobre o que do inconsciente se concretizava nos grupos. Em *Psicologia das Massas*, preocupou-se menos em analisar os fenômenos de grupo do que em determinar a função que o grupo como tal vem sustentar na estrutura da psique, introduzindo para isto as noções de *identificação* e *ideal de eu* (PONTALIS, 1972).

Neste texto, Freud, a partir do trabalho do francês Gustave Le Bon, rejeita a oposição clássica entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, dizendo que há sempre um outro (modelo, objeto, rival) na vida psíquica do indivíduo e que, portanto, a psicologia individual é sempre social. Através da formação das massas e de seus líderes, Freud desenvolve um pensamento sobre o que estaria em jogo, do ponto de vista dos vínculos emocionais, para o sucesso deste tipo de aglutinação humana. Para dar conta dos processos constitutivos das massas, Freud propõe usar o conceito de *libido*, fonte energética das pulsões que operam em tudo que se relaciona ao amor. Seja o amor que tem por destino a relação sexual genital, seja o amor filial, a amizade, o amor pela humanidade ou por objetos e ideais. (BARROS; JOSEPHSON, 2005)

Freud enuncia que as relações amorosas constituem a essência da alma das massas e enfatiza a função do líder da massa, ou das massas com líderes. Evidencia dois eixos estruturais: um vertical, no qual se organiza a relação do líder com os membros da massa e um horizontal no qual se organizam as relações dos membros da massa entre si, e para tanto estudará duas massas artificiais: o exército e a igreja católica. Freud propõe que o eixo horizontal está fundamentado sobre o conceito de identificação e o vertical sobre uma diferenciação do eu, distinguindo-o do ideal do eu. Postula que “uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar do ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (FREUD, 1921/2011, p. 76).

Explica assim a transformação psíquica do indivíduo da massa: a transformação é produto da limitação do narcisismo, aceita por todos os membros. Essa limitação resulta da instalação do líder na posição de ideal do eu de cada um dos membros da massa. O vínculo amoroso que se estabelece entre cada membro age como compensação ao ataque narcísico sofrido e aceito (FREUD, 1921/2011).

Neste momento, Freud reformula sua primeira teoria do aparelho psíquico, realizando a síntese entre a psicologia individual e a psicologia social, substituindo a

primeira tópica do aparelho psíquico (consciente, pré-consciente e inconsciente) pela segunda tópica (id, ego e superego) (FARR, 1998).

Sobre Freud neste artigo, Pichon-Rivière reconhece seus avanços teóricos, mas ressalta:

(...) Freud alcançou, por momentos, uma visão integral do problema da inter-relação homem-sociedade, sem poder desprender-se, no entanto, de uma concepção antropocêntrica, que o impede de desenvolver um enfoque dialético.

Apesar de perceber a falácia da oposição dilemática entre psicologia individual e psicologia coletiva, seu apego à "mitologia" da psicanálise, à teoria instintivista, e seu desconhecimento da dimensão ecológica, impediram-lhe a formulação do vislumbrado, isto é, de que *toda psicologia, num sentido estrito, é social* (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 47).

Pichon-Rivière vai enfatizar em sua obra a concepção do sujeito agente, produtor e protagonista da história, configurado em sistemas vinculares e tramas mais complexas do que a psicologia social pensava naquele momento (JASINER, 2003). Partindo das relações sociais que foram internalizadas, configura-se internamente o que chamará de relações ecológicas, estruturas vinculares que incluem o sujeito, o objeto e suas mútuas inter-relações.

A psicologia clássica, que até então se praticava, fazia uma dicotomia que separava indivíduo e sociedade, estudava o indivíduo isoladamente, o que fazia da psicologia uma ciência abstrata e apartada de seu meio, que não incluía o diálogo com o outro dentro da própria pessoa e que não considerava o vínculo com os objetos internos. Pichon-Rivière afirma que o campo psicológico é um campo de interações entre o indivíduo e seu meio (PICHON-RIVIÈRE, 1988). Ao pensar sobre a intrincada trama das relações que transcendem as subjetividades, tenta entender as condições que as produzem. Assim, questiona a psicanálise, sua concepção de homem e de mundo, e o objeto de sua preocupação será os processos sociais e históricos, mantendo-se sempre fiel à preocupação que o acompanhava desde a juventude de pensar o homem localizado em um determinado contexto.

A teoria para Pichon-Rivière terá sempre a função de fornecer elementos para apreender a realidade e nela intervir, mantendo-se sempre mobilizada pelo desejo de realizar mudanças sociais.

Pichon-Rivière encontrará no marxismo e na psicanálise as duas teorias que vai unir para pensar as estruturas reais sobre as quais se articula o sofrimento humano: a fantasia inconsciente individual e a estrutura social de exploração do homem pelo homem (WORONOWSKI, 2003).

Isto interessará a ele, que partirá da perspectiva de que, se a psicanálise ocupa um lugar de paradigma no questionamento da razão positivista, o marxismo aparece como o grande questionador dos fundamentos "racional" da ordem social instituída. A produção de ideias encontra-se articulada com o conjunto de produções sociais, que ao mesmo tempo produzem e reproduzem sujeitos sociais (WORONOWSKI, 2003). As ideias dos sujeitos se explicam pela maneira como elas são produzidas e esta produção acontece articulada no conjunto da produção social. Onde se produzem e reproduzem as diversas subjetividades, o sujeito é ator e assujeitado no campo coletivo.

Para Pichon-Rivière, a atividade psíquica dos sujeitos, com seus conteúdos e processos, irá se articular intimamente com a experiência e as condições concretas da existência: serão estas que determinarão a subjetividade e não o contrário (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998). Segundo o autor, toda teoria de saúde e doença implica uma concepção de sujeito, do mundo e da história que a fundamenta.

Para ele, não é possível escutar um paciente sem considerá-lo em constante interação com o meio em que vive. Quando o paciente chega, traz consigo inúmeros personagens acumulados ao longo de sua vida, o analista terá que estar atento a isso, para olhar (e neste caso, olhar é escutar também) este mundo interno, este agrupamento que o paciente traz consigo. Se não fizer isso, corre o risco de patologizar o conflito, isolando e, conseqüentemente, restringindo a capacidade de acompanhar e entender o sofrimento do outro.

Ao receber um paciente, Pichon-Rivière estava sempre atento ao cotidiano e ao mundo que o cercava. O cotidiano sempre foi alvo de suas observações e, posicionando-se de forma crítica, esforçava-se por entendê-lo. Para entender o sujeito era necessário entender o seu entorno.

Como descrito no capítulo anterior, Pichon-Rivière cresceu observando seus pais adaptarem-se no dia a dia a um contexto de vida muito distinto de seu lugar de origem, um território inóspito sujeito às intempéries da natureza. Essas características exigiram deles a apreensão da dimensão e da importância do que era

olhar para o outro. Pichon-Rivière se lembra deles ao exercer seu ofício de psicanalista para captar o mais profundo da vida cotidiana.

Partindo desse olhar, questiona o cotidiano, se refere a ele como uniforme, homogêneo, natural, e por isto não resistente a críticas; afirma que a ilusão do conhecimento nos tira a possibilidade da problematização. Segundo ele, o saber cotidiano naturaliza o que é social, atemporaliza o que é histórico e universaliza o particular (JASINER, 2003).

O saber cotidiano ocupa o lugar de suposto saber nos impedindo de enxergar a singularidade de cada experiência. Pichon-Rivière ao fazer essa crítica deixará, talvez, como um de seus maiores legados, a redefinição das relações entre o campo psi e o tecido social do qual este conhecimento faz parte (WORONOWSKI, 2003).

O psicanalista é um observador que capta indícios colocando seu esquema referencial em funcionamento. Esquema este, construído com conhecimentos, história e análise pessoal, com as leituras feitas, com as circunstâncias do momento e com esse paciente em particular que mobiliza o analista com seus conteúdos. A interpretação é resultante de uma mistura de tudo isso. Presente em muitos momentos durante um processo analítico, teoria e prática se fundem em permanente interação. Este é o conceito de *práxis* com o qual Pichon-Rivière trabalha (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

O analista que trabalha e investiga concomitantemente, antes de fazer uma interpretação, recorre ao seu Esquema Conceitual e Referencial Operativo (ECRO), que discutiremos em seguida, com o qual constrói sua interpretação. No momento de sua formulação, a síntese teoria-prática está feita.

Pichon-Rivière afirma que a finalidade primordial de um processo analítico é transformar uma situação confrontativa em dilemática. Para melhor ilustrar tal afirmação usará a imagem de uma espiral como a forma do caminho a ser percorrido. Ao fazer uma interpretação, é fundamental levar em conta os diversos elementos em jogo, retraduzi-los em termos de uma fantasia subjacente. Para ele, na psicanálise, teoria e prática andam juntas em permanente interação constituindo essa imagem da espiral dialética. Em outras palavras: teoria e prática se encontram e se resolvem no campo da investigação, seja ele qual for (PICHON-RIVIÈRE, 1988). Tanto na instituição psiquiátrica quanto na psicanalítica, posicionou-se dentro e fora ao mesmo tempo, pondo sempre em questão como a instituição pensa a si mesma. Ao pensar a vida cotidiana, refletiu a cotidianidade da vida institucional

(WORONOWSKI, 2003). Nesse sentido, Pichon-Rivière será um pensador que vai desnaturalizar os dispositivos institucionais, inclusive pondo em questão as próprias instituições das quais participou. Como fundador da Associação Psicanalítica Argentina (APA), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA), afirmará alguns anos mais tarde, que a prática analítica nas instituições de formação permite caracterizar a prática psicanalítica como uma forma de individualismo a serviço da adaptação passiva (WORONOWSKI, 2003).

Sempre atento aos sujeitos e ao cotidiano que os rodeava, refletindo sobre a clínica articulada com a política, preocupado em localizar o momento histórico que vivia, Pichon-Rivière ocupou-se de diferentes espaços de tratamento, seja o trabalho em grandes hospitais, seja em seu consultório, e na saúde mental. Interessado pela psicose, tem nela seu ponto de partida para teorizar sobre os grupos, lugar em que apostava residir a maior potência para que as mudanças sociais pudessem se efetivar. Articulando psicanálise com a psiquiatria, buscando incessantemente a constituição histórica e social da subjetividade, tudo isso fez com que, ao longo de sua obra, definisse a psicologia como social (JASINER, 2003).

Para Armando Bauleo, importante psicanalista e grupalista argentino que trabalhou com Pichon-Rivière, ao pensarmos a psicologia social como uma disciplina que se ocupa da mediação na relação indivíduo-sociedade, o grupo é um modelo e um fato de mediação impossível de ser deixado de lado. O grupo, segundo ele, será a intermediação entre a estrutura individual e a estrutura social (BAULEO, 1983).

Quando, em 1936, Pichon-Rivière vai trabalhar no Hospício de Las Mercedes em Buenos Aires, faz um trabalho com o grupo de enfermeiros e posteriormente com os pacientes. Nesta experiência que durou 12 anos, pôde observar como os grupos se organizam, como se articulam quando têm um objetivo comum. Sua teoria dos grupos operativos tem seu início aqui.

Ao fazer grupos com enfermeiros, resgata o conhecimento que eles próprios não sabiam que possuíam, pois não tinham instrumentos para conceitualizar suas experiências, sendo assim, estas de nada serviam. Pichon-Rivière transmitia que recuperar a saúde dependia do esforço de todos, trabalhava o lugar clínico-político que ocupavam no processo de tratamento dos pacientes, oferecendo um panorama geral da psiquiatria.

Ao atender os pacientes, ele parte da indagação sobre o movimento das famílias de "depositar" o louco na instituição. Este gesto já diz muito e é isso que

Pichon-Rivière vai investigar. O que o louco porta é óbvio: a loucura. Mas o louco é trazido até ali para se depositar o que ele denuncia, e que é insuportável. Este olhar já desvelará o quanto de jogo coletivo se mostra deslocado e condensado na produção psicótica. Um jogo no qual se desvela um equilíbrio familiar precário através de um sujeito que fala coisas incoerentes sobre os segredos que os outros calam:

Num trabalho anterior dissemos que a loucura é a expressão de nossa incapacidade para suportar e elaborar um certo montante de sofrimento. Ao emergir uma neurose ou uma psicose no âmbito do grupo familiar, descobrimos que, previamente, um grau determinado de insegurança se instalou no seio desse grupo, tornando-o impotente. Dinamicamente, isso significa que um membro do grupo familiar assume um novo papel, transforma-se no porta-voz e depositário da ansiedade do grupo. Toma-se encarregado dos aspectos patológicos da situação, num processo interacional de adjudicação e assunção de papéis que compromete tanto o sujeito *depositário como os depositantes* (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 215).

Nesta compreensão sobre o lugar da doença e do doente, já aparece claramente o início de sua teorização sobre o funcionamento dos grupos. É em suas primeiras observações sobre o funcionamento das famílias que atendia em Las Mercedes que entenderá a família como um grupo, e o lugar do paciente de desvelador de uma estrutura que não funciona ou funciona mal.

A doença é a *qualidade emergente*, qualidade nova que, como sinal, nos remete a uma situação implícita, subjacente, configurada por uma modalidade particular da interação grupal, que nesse momento é alienante. O doente é o *porta-voz* por intermédio do qual se manifesta a situação patológica que afeta toda a estrutura. Ou seja, o *porta-voz* (doente) é o veículo através do qual começa a se manifestar o processo implícito causador da doença (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.214).

Nesta formulação Pichon-Rivière dará à doença um novo lugar, afastando-se da concepção psiquiátrica clássica que se preocupava somente com o sintoma. Ancorado na psicanálise, verá na manifestação da doença um sentido, que só poderá ser encontrado ao olhar para o contexto onde ela se manifesta.

3.2. Psicose, Crise e os Grupos

Como já vimos, Pichon-Rivière descobriu Freud muito cedo. Desde então, fica fascinado pelo discurso do inconsciente, inquieta-se com a vida e a morte tentando desvelar seus segredos, e para isso aproxima-se da loucura. Afeta-se pelo "O Inquietante" de Freud intrigado pelo morto-vivo e pelo não familiar do cotidiano. Acreditava que no esconderijo do sinistro encontrava-se a beleza. Era isto que o fascinava e que perseguia (FREUD, 1919/2010).

O que o fascina na psicose?

Samuel Arbiser, psicanalista argentino e estudioso da obra pichoniana dirá que Pichon-Rivière via, na fragilidade de um ser destruído, uma humanidade em crise. Como se a crise da humanidade se expressasse em toda a sua universalidade metafísica através das ideologias delirantes dos psicóticos. O psicótico tenta reconstruir um novo mundo depois do dilúvio; sua dificuldade de voltar à vida é negociar com a realidade. Os psicóticos são particularmente frágeis e sensíveis. Na crise psicótica, os pacientes desiludidos pela vida que não podem mudar, tentam atacar e destruir o laço que os liga em parte ao cotidiano, para criar novos laços com o universo (ARBISER, 2007).

O fascinante é o universo metafísico do psicótico e de suas inquietudes ontológicas: eu estou vivo? Eu estou morto? Eu sou um morto-vivo? Eu sou um robô cujas pilhas estão descarregadas? Eu não tenho escolha... O fundamento das inquietudes ontológicas, em razão de sua perda da capacidade de sentir e pensar, levam-no a procurar novos caminhos, novos laços e novas dimensões de existência. É na transferência que a perda do laço habitual é colocada em evidência; é na presença do analista que se evidencia a dificuldade de se estabelecer conexões humanas e, portanto, associativas. O psicótico tem dificuldade de estabelecer laços de natureza humana porque sua humanidade e seu sentir estão em crise (ARBISER, 2007).

Assim sendo, Pichon-Rivière dirá que não é possível resolver com um paciente aquilo que é de todos. Dirá que o sujeito que adoece é o "emergente" do grupo no qual se constituiu, ocupando um lugar-papel no jogo coletivo. Por essa razão será o *porta-voz* do conflito que não pode ser dito e onde se descarregará a maior tensão e através do qual o sistema fará a crise (WORONOWSKI, 2003).

Neste ponto, começam a surgir os diferentes lugares e papéis que os sujeitos ocupam no grupo. Pichon-Rivière verá o grupo como um organismo onde cada membro ocupa um lugar que diz respeito a ele mesmo e a conteúdos do grupo. No que manifesta, revela elementos de si e de todos. Pensar o grupal adquire um duplo sentido: teorizá-lo e pensar seu lugar na construção histórica e social da subjetividade.

Frente a outras teorias que, à época, pensavam que o grupo era apenas um cenário para a manifestação individual, Pichon-Rivière articulará os conceitos de horizontalidade e verticalidade mantendo uma tensão entre individual e coletivo, e é neste encontro que surge o conceito *emergente* (FERNANDEZ, 2006).

Entendendo-se por verticalidade aquilo que se refere à história pessoal do sujeito, e por horizontalidade o processo atual que acontece no aqui e agora, na totalidade dos membros.

Na realidade, verticalidade e horizontalidade são unidades de trabalho. Chamam-se em geral unidades de trabalho quando operam de um modo complementar, quando verticalidade e horizontalidade coincidem num momento dado pelo somatório dos elementos que constituem a unidade; trata-se de todo um conjunto operativo.

No momento em que verticalidade e horizontalidade se juntam, nesse momento determinado, constitui-se "a operação do grupo", juntam-se os dois vetores que constituem o essencial do grupo operativo (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 260).

Qualquer evento que aconteça em um grupo manifesta-se por intermédio do emergente, espécie de porta-voz das ansiedades e tensões do grupo. A maneira do emergente de formulá-la faz referência à sua história pessoal, o que surge em um dado momento do acontecer grupal assinala o caráter horizontal desse emergente. Cabe ao terapeuta tomar esta manifestação como material a ser interpretado, analisando este interjogo. O membro do grupo que ocupa o papel de emergente torna-se porta-voz das questões e impasses grupais. A interpretação consiste na decodificação do sentido do emergente, entregando os significados ao grupo: "Singularidade e coletividade que só sustentando sua tensão tornarão possível pensar a dimensão subjetiva no atravessamento do desejo e da história" (FERNANDEZ, 2006, p. 56).

Ana Maria Fernandez dirá que os grupos são espaços táticos onde se produzem feitos singulares e inéditos:

Neste sentido, consideramos que o chamado *contexto*, seja institucional e/ou social, é, a rigor, *texto do grupo*. Quer dizer, não há uma realidade externa que produz maiores ou menores efeitos de influência sobre os acontecimentos grupais, mas que são partes do próprio texto grupal em suas diversas modalizações; são, portanto, fundante de cada grupo, mais que cenografia, drama grupal (FERNANDEZ, 2006, p.16).

Nas dinâmicas familiares, Pichon-Rivière vai entender o lugar do doente mental como fruto de uma deposição maciça e da posterior segregação do depositário. Ele é o emergente adquirindo o *status* de porta-voz da enfermidade grupal. Representa tanto a estrutura individual quanto a familiar; através do delírio ele reconstrói seu mundo individual, familiar e depois, social. O delírio só pode ser entendido quando se entendem as tensões anteriores à sua eclosão (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Pichon-Rivière entendia o paciente como símbolo e depositário dos aspectos alienados de sua estrutura social, porta voz de sua insegurança e de um clima de incertezas; tratá-lo é conferir-lhe um novo papel: o de agente de mudança. Ao enxergarmos o paciente nessa posição também nos transformamos em elementos de mudança (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Ao receber um paciente, é preciso querer saber das diversas histórias que se entrecruzam para formar uma nova história comum, lugar onde cada um pôde contribuir com o que trouxe consigo de narrativas anteriores. A história que é dramatizada dentro do cenário familiar tem como origem momentos diversos que ocorreram bem longe dali, com outros protagonistas, com outro enredo, mas que são presentificados, revestidos com outra roupagem.

Para distinguir isto, Pichon-Rivière teve que colocar em questão o instituído e ver sujeitos onde só se viam pacientes cronificados. Isto pressupõe outro olhar, outra nomeação, outra relação social possível. Seu trabalho foi conseguir ir além do manifesto: pacientes que vegetam, psiquiatras inoperantes, pacientes abandonados, enfermeiros violentos, famílias que depositam (WORONOWSKI, 2003).

Imerso no universo institucional, próximo ao universo da loucura, Pichon-Rivière encontrará o sentido do sintoma dentro de uma dinâmica familiar e de um

contexto social bem determinados. Ao ampliar o seu olhar e a sua compreensão, sempre abertos para o diferente, encontrará novas significações para o que era tratado, até então, como natural.

Desnaturalizará o instituído e o colocará na dimensão histórica, esclarecendo as condições de sua criação. Ao fazer este movimento, desmonta uma rede de sentidos pré-estabelecida, ameaçando uma certa ordem que essa rede garante, ordem que, ao classificar o outro, nega, exclui e substancializa o sujeito (WORONOWSKI, 2003).

O que não se encaixa em esquemas conhecidos sempre será visto como ameaçador a uma certa ordem estabelecida. Para Pichon-Rivière, o *novo* é o desejo e a *resistência* é o obstáculo. O conceito de obstáculo faz da aprendizagem e da saúde expressões de uma mesma problemática. (WORONOWSKI, 2003).

O *novo* pode surgir a partir da idéia de produção de crise, quando Pichon-Rivière passa a interrogar a crise em sua possível produtividade. Prática pensada e pensamento na prática ao mesmo tempo, o que cada um faz tem efeito em si mesmo. Podemos pensar a crise como o momento onde a reprodução naturalizada transborda seus limites, a crise abre uma fissura no discurso hegemônico e outros sentidos aparecem (WORONOWSKI, 2003).

Qualquer trabalho mais profundo e consistente só pode se efetivar com a psicanálise em parceria e confrontada sempre com um trabalho social que caminhe no mesmo sentido (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Suas teorizações são provenientes da psicanálise, do materialismo dialético, do materialismo histórico, da semiologia e das diversas contribuições daqueles que trabalham interpretando as relações entre a escritura socioeconômica e a vida psíquica. Entre os diversos autores que constantemente cita encontram-se, além de Freud, Marx, Gaston Bachelard, Jean Paul Sartre, Conde de Lautréamont, entre outros.

No contato com os pacientes psicóticos e suas famílias, na observação atenta desta relação, é que Pichon-Rivière pôde formular sobre um grupo em funcionamento, e como tal, um grupo com suas deposições e deslocamentos, frutos de uma história construída e vivida conjuntamente. O paciente deixa de ser, para ele, o único elemento a ser escutado ou analisado, o sintoma não se inicia e termina nele como a psiquiatria tradicional pensava até então. Para entender do que ele padece, é necessário olhar para o grupo no qual está inserido, que relações

acontecem ali, quais problemáticas estão em jogo e, finalmente, o que o paciente com seu sintoma denuncia.

3.3. Conceitos Fundamentais

A seguir descreveremos alguns dos conceitos fundamentais da teoria de Pichon-Rivière, de forma que o leitor, familiarizado ou não com sua obra, possa melhor se localizar na definição do conceito de *grupo interno*, que será trabalhado no próximo capítulo. Na forma de um glossário extenso, a intenção é oferecer subsídios consistentes para que a leitura e a sua compreensão ocorra em toda a extensão e importância que a obra pichoniana possui.

3.3.1. Teoria do vínculo

Pichon-Rivière afirmará por toda a vida a importância de pensar o homem em seu contexto. Colocará em questão paradigmas sobre a psicologia social até então vigentes, enfatizando a relação dialética entre o sujeito e o mundo que o cerca. Sua psicologia social se centrará nas mudanças do contexto social e na configuração do mundo interno do sujeito, este encontro será chamado por ele de vínculo.

Um dos pilares fundamentais de sua teoria será este conceito. Pichon-Rivière vai pensar a constituição da subjetividade no campo do outro: no encontro ou no desencontro do sujeito com o outro, um sujeito constituído em um determinado momento histórico, que lhe confere um universo específico de possibilidades. O indivíduo nunca poderá ser pensado isoladamente, mas sempre articulado em tramas vinculares, grupais, institucionais e sociais (ADAMSON, 2000).

O vínculo configura uma estrutura complexa, que inclui um sistema transmissor-receptor, uma mensagem, um canal, sinais, símbolos e ruído. Segundo uma análise intra-sistêmica e extra-sistêmica, para obter eficácia instrumental é necessária a similitude no esquema conceitual, referencial e operativo do transmissor e do receptor; do contrário, surge o mal-entendido. Toda a minha teoria da saúde e da doença mental centra-se no estudo do *vínculo* como estrutura. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.11)

Ao pensar as diversas interações entre indivíduos e/ou grupos, o conceito de vínculo será central. Para Pichon-Rivière, o ponto de ruptura da psicologia social com a psicanálise passa pelo que chamou de teoria instintivista psicanalítica. Se tornará um crítico ferrenho da teoria kleiniana por entender que esta teoria trabalha em favor da primazia do sujeito em detrimento da relação sujeito-mundo externo. Para ele, a teoria das pulsões deixa de fora o contexto histórico-social como determinante da subjetivação, e assim irá propor o conceito de *necessidade* no lugar de pulsão, e de *vínculo* no lugar de relação de objeto.

Segundo Pichon-Rivière, para construirmos uma teoria sobre a enfermidade, precisamos de uma referência do homem em seu contexto:

A investigação que se queira fazer de uma situação de tensão particular, qualquer que seja, precisa ser realizada dentro do contexto social em que as coisas acontecem, isto é, do lado de fora. Em breve elas acontecerão no consultório, na medida em que o paciente repetir, na situação transferencial, os seus conflitos de fora. Para construir uma teoria de enfermidade psíquica precisamos da referência permanente do homem em seu contexto real e exterior (PICHON-RIVIÈRE, 1988, p. 24).

Daí Pichon-Rivière pensará três tipos de análise: a psicossocial (do indivíduo para o externo), a sociodinâmica (analisa o grupo como estrutura) e a institucional (toma todo o grupo, a instituição ou todo o país como objeto de investigação). Essas análises não poderão ser pensadas isoladamente, ao contrário, elas vão se integrando sucessivamente (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Uma psiquiatria concebida a partir das relações interpessoais, da relação do indivíduo com o grupo e/ou com a sociedade, nos dará dados para construir uma psiquiatria que podemos denominar Psiquiatria do Vínculo, quer dizer, a psiquiatria das relações interpessoais. Uma psiquiatria concebida desse modo é uma psiquiatria dinâmica construída com os postulados da psicanálise. Historicamente, podemos dizer que o último passo da psicanálise foi o estudo das relações de objeto. Isso nos leva a tomar como material de trabalho e observação permanente a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que chamamos vínculo (PICHON-RIVIÈRE, 1988, p. 24).

Pichon-Rivière afirmará, desde o início de sua obra, a necessidade de complementar a investigação psicanalítica com a investigação social. Abordará o homem em uma única dimensão, a humana, mas conceberá o sujeito nas três dimensões: mente, corpo e mundo exterior.

Pichon-Rivière busca entender a presença do real social. Pensa este movimento em termos da relação adaptativa entre o organismo e seu meio como motor de conduta e como a dialética da necessidade, satisfação, conceito que tomará do materialismo marxista.

A necessidade, para ele, será o fundamento motivacional do vínculo. Este conceito não deve ser entendido como oposto a desejo, mas sim como motor da práxis que constitui o intercâmbio com a natureza e com os outros homens dentro da teoria marxista (WORONOWSKI, 2003)

Com a noção de vínculo, Pichon-Rivière dará um salto qualitativo na teoria psicanalítica considerando o indivíduo resultado do interjogo entre ele e os objetos internos e externos, em uma relação dialética. Isto permitirá desenvolver uma psiquiatria centrada no estudo das relações interpessoais, uma psiquiatria do vínculo (TARAGANO, 1988).

Pichon-Rivière em uma nota de rodapé de seu artigo "Freud: ponto de partida da psicologia social" dirá:

(...) todo narcisismo é secundário, na medida em que no vínculo interno, que pode ter uma aparência narcisística, o objeto foi previamente 'introjetado'. Ou seja, dada uma estrutura vincular, 'o outro', o objeto, está sempre presente, através de tal vínculo, ainda que seja escamoteado sob a aparência de um narcisismo secundário (PICHON-RIVIÈRE, 2005 p. 46).

Quando Pichon-Rivière configura sua teoria do vínculo, ele pensará em vínculo externo e interno. A forma como o sujeito apreenderá e se vinculará ao mundo externo está diretamente relacionado à maneira como apreenderá o mundo interno. Neste jogo permanente entre interno e externo, encontraremos momentos de aprendizagem e de comunicação, em que os objetos podem ser gratificantes ou frustrantes (PICHON-RIVIÈRE, 2005):

Por que utilizamos o termo vínculo? Na realidade, estamos acostumados a utilizar, na teoria psicanalítica, a noção de relações de objeto, mas a noção

de vínculo é muito mais concreta. Relação de objeto é a estrutura interna do vínculo. Um vínculo é, então, um tipo particular de relação de objeto(...) É possível estabelecer um vínculo, uma relação de objeto, com um objeto interno e também com um objeto externo. Desse modo, temos dois campos psicológicos no vínculo: um interno e outro externo (PICHON-RIVIÈRE, 1988, p. 37).

Pichon-Rivière pensará o vínculo como um processo dialético e encontrará para melhor representar esta ideia a forma de uma espiral. Uma espiral dialética onde os vínculos interno e externo vão se integrando, em que a cada processamento uma nova síntese é feita, lançando o sujeito em um patamar superior através da relação de aprendizagem e vinculação com os outros sujeitos, objetos e com o mundo exterior. O formato de espiral contínua no qual o ator do processo realimenta-se com a experiência, modifica o sujeito e modifica o mundo. Pensar a aprendizagem como práxis permite conceber o processo como um aprender a aprender e um aprender a pensar (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

O conceito de vínculo será estudado em diferentes níveis de investigação: o psicossocial, que diz respeito à maneira como o sujeito se relaciona com o que o rodeia; o sóciodinâmico pensará as tensões entre os diferentes membros de um mesmo grupo; a análise institucional investigará os grandes grupos, instituições, história, economia, etc; e, por fim, a sociologia que estudará os grandes e pequenos grupos, as grandes instituições até a família nuclear (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

3.3.2. Grupos operativos

Partindo dos trabalhos históricos de Pichon-Rivière no Hospício de Las Mercedes e na Experiência de Rosario, destacaremos características fundamentais dessas duas experiências. Elas não surgem por uma demanda das instâncias de poder nem, tampouco, para confirmação de poderes e saberes instituídos. Pelo contrário, desenvolvem-se nas margens das instituições com forte acento no questionamento e desejo de mudanças nelas mesmas.

Tais experiências ocorrem em um contexto social e político agitado na Argentina das décadas de 1960 e 1970, auge das lutas populares, contexto em que todas as instituições fortemente hierarquizadas e, conseqüentemente, com traços autoritários foram postas em questão. Hierarquias médico-hospitalares, autoritarismo

psiquiátrico-manicomial, rígida hierarquia da APA, verticalidade nos espaços pedagógicos, etc. Os grupos operativos propunham "aprender a pensar", "romper estereótipos", "elaborar ansiedades frente à mudança", criando assim as condições para que palavras sufocadas tivessem lugar, ganhassem movimento e criassem novos sentidos para as práticas coletivas. Eles foram um dispositivo chave para o trabalho nos espaços públicos e ofereceram um forte ponto de apoio para que os jovens profissionais pudessem denominar a si mesmos trabalhadores de saúde mental (FERNANDEZ, 2006).

Os grupos operativos têm objetivos, problemas, conflitos e recursos que terão que ser analisados pelo próprio grupo à medida que o grupo caminha para realizar a sua tarefa (BLEGER, 1985).

Os grupos podem ser produtivos e isto está diretamente relacionado à possibilidade que cada grupo tem de se fazer perguntas, de questionar o que está dado, o instituído, posicionando-se frente ao novo. Ao se colocar questões, o grupo quebra com uma lógica linear de causa e efeito. A teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière trabalhará no sentido de acompanhar e viabilizar que os grupos possam fazer seu trajeto adentrando em novos territórios:

Em síntese: um grupo obtém uma adaptação ativa à realidade quando adquire *insight*, quando se torna consciente de certos aspectos de sua estrutura e dinâmica, quando torna adequado seu nível de aspiração a seu *status* real, determinante de suas possibilidades. Num grupo sadio, verdadeiramente operativo, cada sujeito conhece e desempenha seu papel específico, de acordo com as leis da complementariedade. É um grupo aberto à comunicação, em pleno processo de aprendizagem social, em relação dialética com o meio (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 81).

A técnica dos grupos operativos caracteriza-se por estar centrada, de forma explícita, em uma tarefa: aprendizagem, cura (grupos terapêuticos), diagnóstico de dificuldades de uma organização profissional, grupos de criação, etc. Sob esta tarefa subjaz outra, implícita, que aponta para a ruptura, através do esclarecimento das pautas estereotipadas que dificultam a aprendizagem e a comunicação, criando obstáculos frente a toda situação de progresso ou mudança.

A tarefa, objetivo ou finalidade do grupo tem a função de ser um elemento disparador do processo grupal, é o que dá o ponto de partida para que o trabalho

grupal comece. O grupo faz uma reflexão sobre a tarefa onde se observam os alcances e os sentidos que esta tem para cada um (BAULEO, 1983a).

Para entender a maneira como Pichon-Rivière foi pensando e criou sua teoria dos grupos é importante retomar seus conceitos de *tarefa* e de *pré-tarefa*. Em um grupo operativo, a tarefa terá dois significados: a tarefa explícita é o motivo pelo qual as pessoas se encontram e se dispõem a formar o grupo; e a tarefa implícita, que subjaz à explícita, consiste em trabalhar a ansiedade do grupo, rompendo com funcionamentos estereotipados que representam obstáculos a qualquer mudança.

A resistência à tarefa e às mudanças é o que Pichon-Rivière nomeará de *pré-tarefa*. Nela situam-se as defesas do grupo e, portanto, estamos no campo do latente, do inconsciente. A *pré-tarefa* caracteriza-se por ser um momento que paralisa o prosseguimento do grupo. Tudo é feito “como se” o trabalho especificado tivesse sido executado. Podemos falar em “como se” devido ao aparecimento de atitudes parcializadas, dissociadas, onde as partes são tomadas pelo todo, onde é impossível a integração de conteúdos manifestos aos latentes. Nesse momento, o grupo entrega-se a uma série de “tarefas” que lhe permitem “passar o tempo”, que nada mais são que mecanismos de postergação atrás dos quais se ocultam a impossibilidade de suportar as frustrações de início e de término da tarefa (finitude do grupo).

A tarefa supõe trabalho, muitas vezes significa sofrimento, mas também prazer da criação (JASINER, 2003). Significa romper com a familiaridade, fazer a crítica da vida cotidiana, trabalhar com o assombro, com o inesperado. Não por acaso, uma das questões com a qual Pichon-Rivière mais se deteve, ao pensar sua teoria dos grupos operativos, foi justamente o medo da mudança.

Quando se trabalha com um objeto, não somente ele está sendo modificado, mas também o sujeito. José Bleger, afirmará que não é possível ir além das possibilidades reais do objeto e das possibilidades psicológicas do sujeito. Esse é o movimento da espiral dialética que rompe com as dissociações comuns entre teoria e a prática, ou entre quem sabe e quem faz. A práxis enriquece o ser humano e a tarefa, ultrapassa a dissociação entre ideologia e ação (BLEGER, 1985).

Graciela Jasiner, psicanalista e grupalista argentina, fará um desenvolvimento do conceito de tarefa metapsicologicamente: diz que, para se pôr em posição de trocas dentro do grupo, o sujeito precisa renunciar a uma imagem de si como totalidade para permitir que o outro adentre o seu mundo interno, tornando-se objeto

de conhecimento do outro. A tarefa pode funcionar nesta relação como um terceiro, com um corte, como elaboração da castração: é possível situar a tarefa entre o narcisismo e o desejo (JASINER, 2003).

Assim, segundo Pichon-Rivière, a tarefa consiste na elaboração de duas ansiedades básicas: *medo da perda* das estruturas existentes, e *medo do ataque* na nova situação por considerar que não se tem os instrumentos para enfrentá-la. Estas duas ansiedades, coexistentes e cooperantes, configuram a situação básica de resistência à mudança. Tal situação em um grupo deve ser superada no acontecer grupal, no qual acontecem três momentos dialéticos: tese, antítese e síntese, em um processo de esclarecimento que vai do explícito ao implícito. Para Pichon-Rivière, a tarefa do grupo é transformar *dilemas em problemas*. Ele entende que a situação dilemática é confrontativa, paralisando a tarefa e funcionando como defesa à possibilidade de mudança. Ao trabalhar com os medos básicos, o coordenador explicita as formas de interação entre os membros do grupo, os modelos internos que orientam a ação do grupo, as fantasias, as formas de comunicação. Trabalha no sentido da resolução das contradições internas do grupo, reafirmando a tarefa.

O processo grupal é mais um campo tensional de forças e são essas forças que serão o motor da dialética dos grupos. O que o moverá inicialmente é a tarefa como convocante, mas serão as representações imaginárias comuns (rede de identificações cruzadas, mitos grupais, ilusão, etc) que serão estruturantes (DEL CUETO; FERNANDEZ, 1985).

Cada membro é uma parte do grupo e vem para este com inúmeros conteúdos que, ao se articularem com o conteúdo dos outros membros, compõem novas imagens, multiplicando cenas e sentidos do conteúdo de cada um no contexto grupal.

O que permite tal movimento é a integração dos conteúdos trazidos por um membro qualquer (nesse momento o porta-voz), pela interpretação realizada pelo coordenador e pelo novo emergente que surge a partir da interpretação. Toda interpretação nestes grupos tem o caráter de hipótese acerca da fantasia grupal. Não é tomada como verdade, mas sim em termos de operatividade à medida que possibilita romper com os estereótipos.

A função do coordenador é a de ajudar os membros do grupo a pensar, ele opera no campo das dificuldades da tarefa e na rede de comunicações, assinala situações manifestas e interpreta a causalidade subjacente. Trabalha conjuntamente

com o observador, geralmente não participante, cuja função é recolher todo o material expresso verbal e pré-verbal do grupo com o objetivo de oferecer subsídios ao coordenador, reajustando técnicas de condução (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Se todo grupo tem uma tarefa, é necessário não só sua explicitação bem como de todos os níveis que a envolve. Toda tarefa envolve diferentes níveis de extensão e intensidade do trabalho, o que exige diferentes formas de estruturação e de elaboração. Cabe ao papel do coordenador trabalhar a relação do grupo com o tema específico. Seu trabalho e do observador não é o mesmo do grupo, mas sim o de visualizar o vínculo entre o grupo e sua tarefa. A posição mais distanciada do coordenador requer que saiba que sua função não é a de líder do grupo. As funções do coordenador e do observador vão atuando juntas com a função dos integrantes, configurando uma dinâmica que permite o desenvolvimento grupal (BAULEO, 1983).

Conhecer é possível, desejável e necessário. Ao interpretar o grupo, o coordenador sabe que esta interpretação não é desencarnada, ele tem um saber, mas deve ficar atento para que o fato de possuir tal saber não deslize para a possessão do objeto de saber, para a totalização desse objeto (WORONOWSKI, 2003).

Nesse sentido, a psicanálise opera nos dispositivos grupais, um claro efeito de descentramento do papel do coordenador. Ao abrir mão do lugar de liderança, ele adquire a função de ajudar na circulação desejante do coletivo. Não será ele o grande revelador do que acontece no grupo. Retira-se do lugar de desvelador de verdades para fazer pontuações interrogantes (FERNANDEZ, 2006).

São depositados, na figura do coordenador, tanto imagos parentais de cada membro, como também as transferências institucionais. Ele é considerado muitas vezes pelo grupo como um legítimo representante institucional. O que se põe em jogo aí não são necessariamente os fantasmas edípicos, mas dimensões atuais dos conflitos institucionais (FERNANDEZ, 2006).

Ao negar esta dimensão, o coordenador pode transformar o grupo em uma espécie de *grupo-ilha*, isolado do contexto social e institucional, descontextualizando-o. Ao exilar a política dos grupos, o coordenador pode familiarizar, edipianizar suas reivindicações e suas rebeliões (FERNANDEZ, 2006).

A coordenação é fundamental para a leitura da latência grupal, dos emergentes que surgem e da manutenção do enquadre como espaço de funcionamento (BAULEO, 1983a).

O enquadre é entendido aqui no sentido psicanalítico dado ao conceito na definição feita por Bleger. O enquadramento psicanalítico consiste em um conjunto de condições nas quais se realiza o trabalho: uma eliminação ou uma limitação das variáveis, ou ainda a fixação de um conjunto de constantes oferecendo referências para o observado. Segundo Bleger, o enquadramento psicanalítico não consiste somente em um registro cuidadoso, mas também em uma indagação operativa. Tal indagação é composta pela observação atenta à sucessão dos acontecimentos, pela compreensão dos acontecimentos e de como eles se relacionam e por incluir tal compreensão no momento da interpretação, no assinalamento. Tal intervenção por parte do coordenador faz com que o grupo se movimente tendo como efeito que este possa se observar e refletir sobre os acontecimentos. Há uma interação permanente entre observação, compreensão e ação (BLEGER, 1984).

O coordenador, cuja figura tem que estar dissociada do líder, é quem ajuda os membros do grupo a pensar, abordando o obstáculo epistemológico configurado pelas ansiedades básicas. Ele opera no campo da dificuldade da tarefa e na rede de comunicações, seu instrumento é o assinalamento das situações manifestas e a interpretação das causas subjacentes a ela. O coordenador é um co-pensador, alguém cuja tarefa será pensar com o grupo acerca dos obstáculos que operam na relação dos integrantes entre si e com a tarefa.

O coordenador deve saber que o grupo não lhe pertence. Ele funda o grupo e, desde o início de seu trabalho, começa a separar-se dele, ou, em outros termos, a elaborar sua perda. E, assim sendo, possibilita que o grupo elabore essa mesma situação frente à tarefa, trabalhando com seus limites e com a impossibilidade de uma apropriação permanente. O grupo não é proprietário do tema e não o esgotará; este terá que ser reelaborado constantemente se quiserem saber mais sobre ele, recuperando, assim, uma historicidade (BAULEO, 1983).

Em todo grupo emergem diferenças que determinam o surgimento de confrontos entre subgrupos. Sentimentos de perda, insegurança e incerteza, ligados às ansiedades básicas, fazem parte da vida grupal. Uma das tarefas fundamentais do grupo operativo e de toda a investigação social é uma análise sistemática das contradições. Estas se expressam através de indivíduos ou de subgrupos que tendem a levar a tarefa a uma estéril situação dilemática, funcionando como defesa frente às possíveis mudanças. O grupo deve configurar um Esquema Conceitual e

Referencial Operativo (ECRO) dialético onde as contradições referidas ao campo de trabalho possam ser resolvidas na própria tarefa grupal (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

As finalidades e os objetivos dos grupos operativos podem ser resumidos ao dizermos que sua atividade está centrada na mobilização de estruturas estereotipadas por causa do montante de ansiedade despertada por toda a mudança. No grupo operativo, o esclarecimento, e a comunicação na aprendizagem e na resolução de tarefas coincidem com a cura, criando assim um novo esquema referencial. A técnica destes grupos está centrada na tarefa, onde teoria e prática se resolvem em uma práxis permanente e concreta no "aqui e no agora" de cada campo assinalado (PICHON-RIVIÈRE, 2005):

O grupo operativo é um grupo centrado na tarefa, que tem por finalidade *aprender a pensar* em termos da resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal, e não no campo de cada um de seus integrantes, o que seria uma psicanálise individual em *grupo*. Entretanto, também não está centrado exclusivamente no grupo, como nas concepções *gestálticas*, mas em cada *aqui-agora-comigo* na tarefa que se opera em duas dimensões, constituindo, de certa forma, uma síntese de todas as correntes. Consideramos o doente que enuncia um acontecimento como o *porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo*. Neste aspecto reside a diferença entre a técnica operativa e as demais técnicas grupais, já que as interpretações são feitas em dois tempos e em duas direções distintas (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 147).

Para Armando Bauleo, o grupo é essa instância onde se entrecruzam elementos dos sujeitos e do social. Ao formarmos um grupo sem categorizá-lo previamente (grupo de alcoólatras, obesos, etc) e sem fazer um diagnóstico prévio por classe social, optamos por observar a maneira como vão se organizando e se conformando. Ali, mitos poderão ser atualizados, assim como aspirações individuais e sociais, identificações cruzadas onde o singular será determinado pelo cruzamento com aquele espaço onde ele se manifesta.

No grupo haverá uma passagem do eu para o nós. Passagem do narcisismo para a intersubjetividade. Tal passagem é marcada por um social que produz o narcisismo e propicia a intersubjetividade. Segundo Bauleo, quando falamos de uma estrutura que está além dos integrantes, estamos tratando de definir o que Pichon-Rivière chamou de "relação entre grupo social e grupo interno" (BAULEO, 1983).

O mito que se institui em cada grupo responde a uma ideologia determinada, no sentido que as influências sociais recebidas pelos grupos, através dos integrantes e as aspirações mesmas destes respondem a uma certa ideologia. O mito fará referência à origem do grupo como forma de explicar sua situação atual, dando conta assim de um latente grupal. O mito será falado como a verdadeira causa ou explicação da história real, ganhará força e dará a significação de sua origem (BAULEO,1983).

Cada grupo cria sua própria linguagem e seu próprio código de comunicação. Este resulta da oposição eu-nós, e não somente indica a passagem da individualidade para o grupal, mas faz referência à história do acontecer grupal e à instalação do que se denomina *identidade grupal* (BAULEO,1983).

Ao nos referirmos ao grupal como um agrupamento de pessoas ao redor de um interesse comum que vão se constituindo e se organizando como uma estrutura - como um grupo -, estaremos falando de história. História que envolve dois elementos: atualidade histórica-social-política e tempo de organização como tal (BAULEO,1983).

Interpreta-se inicialmente o porta voz que, por seu percurso histórico pessoal, é o membro sensível ao dilema do grupo. Como um radar, ele detecta as fantasias inconscientes e explicita-as através de palavras ou atos. No momento seguinte, assinala-se que o explícito é um problema grupal, fruto da interação entre todos e o coordenador, e que é o porta voz quem percebe e denuncia isso (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Ao trabalhar com grupos de formação ou grupos de trabalhos, Pichon-Rivière sempre enfatizou a importância de trabalhar com grupos heterogêneos, com integrantes de diversas especialidades, que, para ele, é uma das leis básicas dos grupos operativos: “quanto maior a heterogeneidade dos membros, maior a homogeneidade na tarefa, maior a produtividade” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.172).

Pichon-Rivière estará sempre ocupado em pensar como, a partir do social, os papéis distribuem-se sem que os atores tenham consciência do sentido da distribuição, e do que faz sentido na produção própria dos sujeitos (WORONOWSKI, 2003). Para ele, em todos os grupos, há uma distribuição e uma assunção de papéis inconscientes entre seus membros, papéis que não são fixos, mas funcionais e rotativos. Brevemente os descreveremos:

- **porta-voz**: membro que denuncia as fantasias e o acontecer grupal, não fala por si só, senão por todos. Articula-se nele uma fantasia inconsciente individual cruzada com um acontecer grupal;

- **bode expiatório**: a deposição em um membro do grupo dos aspectos negativos ou temerários do próprio grupo ou em relação à tarefa. Aparece então no grupo mecanismos de segregação frente a tal membro;

- **líder**: deposição em um membro do grupo dos aspectos positivos deste;

- **sabotador**: aquele que assume a liderança da resistência à mudança.

Os papéis de líder e de bode expiatório são complementares, uma vez que cada um surge para preservar o outro, e encarnam a dissociação que todo grupo vive no seu processo de discriminação (DEL CUETO; FERNANDEZ, 1985).

O grupo é o lugar da experiência, do encontro com a diferença, espaço de confronto, mas também é espaço de resistência.

Uma das maiores virtudes do grupo operativo é a possibilidade que oferece de aprender a agir, a pensar e a fantasiar liberdade, a reconhecer o nexo estreito e a insensível *passagem* que existe entre imaginar, fantasiar, pensar e propor hipóteses científicas. Neste sentido, é muito comum o medo de cair na loucura ou no descontrole do pensamento e da fantasia ("a louca da casa"). Todavia sem fantasia e sem imaginação não existe pensamento criador. A realidade ultrapassa a imaginação e a fantasia de todos os homens juntos. Deve-se ajudar o grupo a trabalhar este medo da loucura e do descontrole, ensiná-lo a aceitar jogar com o pensamento e com a tarefa e a obter prazer com eles (BLEGER, 1985, p. 65).

O grupo operativo constrói com ritmo próprio o seu próprio referencial, o que permite que ele funcione como equipe como uma unidade coerente. Isto não significa que todos pensem da mesma forma. Ao contrário, o sentido da verdadeira unidade é o grupo poder comportar pensamentos diversos e opostos (BLEGER, 1985).

A partir da observação dos fenômenos grupais, Pichon-Rivière construiu uma escala de avaliação básica dos grupos através de modelos de conduta grupal composta de vetores. Estes podem ser pensados também como momentos do

processo de cada membro dentro de um grupo e podem ser assim descritos brevemente:

-afiliação ou identificação: o sujeito guarda uma certa distância do grupo sem se incluir totalmente nele;

-pertença: uma maior integração ao grupo;

-cooperação: contribuição, ainda que silenciosa para a tarefa grupal;

-pertinência: centrar-se na tarefa prescrita para o grupo e no esclarecimento da mesma;

-comunicação: pode ser verbal, pré-verbal, através de gestos. Considera-se o conteúdo da mensagem, o como e para quem.

-aprendizagem: somatória das informações dos integrantes do grupo.

(PICHON-RIVIÈRE, 2005)

O grupo operativo será, para Pichon-Rivière, a primeira instância de amarração do cotidiano. Segundo ele, as relações cotidianas, os modelos internos tendem a se reproduzir nele. A técnica operativa confronta esses modelos internos em uma nova situação de interação e, ao analisar as condições de sua produção, permitem compreender as pautas sociais e internalizadas que geram e organizam as formas observáveis de interação. O pensamento e o conhecimento não são fatos individuais, mas produções sociais.

3.3.3. Esquema conceitual e referencial operativo (ECRO)

Como unidade operacional, as ciências do homem assim reunidas trazem elementos para a construção de um instrumento único ao qual chamamos ECRO, esquema conceitual, referencial e operativo, orientado para a aprendizagem através da tarefa. Este conjunto estrutural e genético nos permite a compreensão horizontal (a totalidade comunitária) e vertical (o indivíduo nela inserido) de uma sociedade em permanente situação de mudança e dos problemas de adaptação do indivíduo a seu meio. Como instrumento, é o que permite planejar um manejo das relações com a natureza e seus conteúdos, nas quais o sujeito se

modifica a si mesmo e modifica o mundo, em um constante interjogo dialético.

(PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 170)

O esquema referencial diz respeito a algo que já conhecemos, agregando-se aí o conhecimento atual. Por isso, é sempre conceitual e estrutural, modificando-se com o tempo, com a aquisição de conhecimentos e com a experiência. Pichon-Rivière dirá que temos que unir a teoria do conhecimento com uma posição dialética, de modo que cada experiência agregue elementos para que a experiência seguinte seja mais enriquecedora (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

O ECRO está fundado no método dialético, através do qual se desenvolve a espiral do conhecimento, um certo tipo de análise que desvela princípios opostos, tendências contraditórias dos processos (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

A dialética pressupõe um processo de conhecimento que se inscreve na ideia de práxis. A dialética não é somente um fazer, mas um conhecimento para a ação. O conhecimento dialético se compõe de um saber que se transforma, se nega dialeticamente. A práxis supõe a busca de uma unidade de trabalho teórico e prático e uma ideia de negação, de superação e de estabelecimento de algo novo (JASINER, 2003).

Quando nos aproximamos de um paciente, portamos um esquema referencial com o qual tentamos entender aquilo que está diante de nós. Quando este esquema não está bem apropriado pelo psicanalista, ele terá dificuldades com a tarefa. Para o exercício da psicanálise, é importante que ocorra um estudo teórico constante, pois este esquema referencial é dinâmico, além disso que o psicanalista se submeta a um processo analítico e a uma autoanálise. A interpretação, o principal instrumento da psicanálise, permite uma operação na mente do outro que esclarece algo para o paciente e para o analista:

Durante o processo analítico temos sempre que pensar na relação entre corpo, espaço, tempo e localização dos objetos. Sempre operamos em um campo móvel onde o tempo e o espaço estão se modificando constantemente. Por isso dizemos que toda interpretação boa deve estar precedida de uma boa investigação (PICHON-RIVIÈRE, 1988, p. 118).

Pensando em uma epistemologia convergente que agregará as ciências do homem funcionando como uma unidade operacional, enriquecendo tanto o objeto de conhecimento como as técnicas em abordá-lo, Pichon-Rivière postula uma psicologia social integradora para o "homem em situação", localizado em uma determinada circunstância histórica e social. Uma práxis que acontece não em um círculo fechado, mas em uma contínua realimentação da teoria, através da confrontação com a prática. Dirá que é um artesanato, no sentido mais amplo da palavra, que tanto forma os elementos da mudança, bem como prepara o campo no qual vai atuar (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Neste panorama descrito até aqui sobre a obra de Pichon-Rivière, do capítulo anterior onde descrevemos sua biografia para este capítulo, em que traçamos um painel sobre suas contribuições teóricas incluindo seus principais conceitos, pudemos acompanhar como seu contexto histórico cultural e pessoal, sua história de imigração e a junção de culturas diferentes foram elementos determinantes na forma e no conteúdo do que produziu. No próximo capítulo, discorreremos sobre o conceito de *grupo interno* e seguiremos acompanhando sua preocupação com os grupos e seu contexto.

4. GRUPO INTERNO

O contraste que mais surpreende o psicanalista no exercício de sua tarefa consiste em descobrir, com cada paciente, que não nos encontramos em face de um homem isolado, mas de um emissário; em compreender que o indivíduo como tal não é apenas o ator principal de um drama que busca ser esclarecido por meio da análise, mas é também o porta voz de uma situação protagonizada pelos membros de um grupo social (sua família), com os quais está comprometido desde sempre e os quais incorporou ao seu mundo interno a partir dos primeiros instantes de sua vida.

(PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998, p. 1)

Neste capítulo, nossa proposta é focar nossa lente de reflexão sobre o conceito de grupo interno, criado por Pichon-Rivière, a partir do que foi exposto no capítulo anterior, quando realizamos um painel sobre sua teoria. A intenção aqui é recortar sobre este particular conceito contextualizando-o e entendendo seu lugar dentro desse arcabouço maior. A aproximação e o interesse de Pichon-Rivière pela psicanálise surge muito antes da faculdade¹⁰, como uma chave de decodificação daquilo que era incompreensível na linguagem e no pensamento habituais. Nos primeiros contatos com pacientes, já como médico psiquiatra, intui haver uma situação de conflito por trás dos sintomas, sendo a enfermidade a tentativa falida de adaptação ao meio. A enfermidade seria, portanto, um processo compreensível.

Ao se esforçar para entender este processo, observa a diferença de comportamento do paciente, quando este estava com outros pacientes e/ou enfermeiros e quando estava na presença de sua família. Isto o fez questionar que relação era essa e quais as razões de tal mudança. Neste momento formula a ideia de que a doença mental é produzida e resultante de uma determinada dinâmica e história grupal, ou seja, a doença é o emergente de um grupo específico. Desde então, dedica-se aos estudos dos grupos e de seu funcionamento, criando a teoria dos grupos operativos. Ele afirma que todos nascemos inseridos em um grupo, já profundamente marcados por uma história que nos precede, e carregamos conosco um grupo interno, qual seja, o grupo de origem.

¹⁰ Descrito em capítulo anterior

Samuel Arbiser, estudioso da obra pichoniana, diz que não é possível entender o psiquismo humano de outra forma que não em sua essência grupal e que a noção de grupo interno foi se impondo como uma necessidade teórica incontornável. Para ele, essa é a chave central do pensamento de Pichon-Rivière, que como peça axial permite articular a psicanálise com a psicologia social. A partir dela, a queda de braço dilemática entre as determinações socioculturais e as intrapsíquicas acaba por se neutralizar; os distintos aspectos do nosso psiquismo ativam-se ou são desativados, de acordo com as condições que o mundo externo prescreve (ARBISER, 2007).

O mundo interno será para Pichon-Rivière a “crônica fantasiada de um acontecer real”. Trata-se da construção de uma subjetividade entre as malhas de uma trama vincular. É possível localizar a semelhança entre uma estrutura externa de caráter grupal e uma estrutura psíquica de igual caráter. *Mundo interno* será sinônimo de *grupo interno*, isto é, uma particular “ecologia interna”, onde o sujeito tentará regular suas trocas com o mundo externo (WORONOWSKI, 2003, p.60).

Pichon-Rivière tem sua formação como psicanalista com forte acento no pensamento de Melanie Klein, partindo dela para pensar sua teoria e distanciando-se dela criticamente nos anos seguintes. A ideia de mundo interno surge primeiramente em Freud quando ele descobre o inconsciente. Ainda não nomeado desta forma, constata a existência de uma realidade psíquica vivida internamente pelo sujeito com a concretude e a força de realidade.

Conforme Neves, Melanie Klein quando inicia seu trabalho com a psicanálise de crianças, reafirma tal descoberta freudiana, ampliando-a para o conceito de mundo interno:

Segundo Klein, o mundo interno é um espaço povoado por objetos e carregado de pulsões, instintos, funções e relações. Com os objetos internos, totais ou parciais, o sujeito vive relações pessoais marcadas pelas identificações. É um lugar onde predomina a onipotência do pensamento mágico infantil primitivo, o que lhe confere ora os mais deslumbrantes aspectos de magia, ora o mais intenso colorido de terror(...) O mundo interno da psicanálise kleiniana é um espaço, uma dimensão que, embora relacionada com as funções do id, do ego e do superego, não coincide com estas instâncias psíquicas, mas como que as supera e as contém. Nas etapas mais primitivas do desenvolvimento, o mundo interno é

essencialmente corporal, com movimentos de fusão e de sincretismo com os objetos e até mesmo com partes do mundo externo. Com o desenvolvimento, vai se fazendo alguma diferenciação entre corpo próprio, objetos internos ou externos, mundo externo, eu e não eu, diferenciação esta que progressivamente se torna mais nítida (NEVES, 2007, p. 23 e 24).

Para Pichon-Rivière, o homem estabelece com o meio em que nasce, cresce e se desenvolve vínculos que serão os primeiros modelos naturais de comunicação, as primeiras aprendizagens. São essas experiências iniciais que configurarão o mundo interno e que acompanharão o sujeito ao longo de sua vida. Assim, ocorre um diálogo permanente com esses objetos que estão assimilados ao eu (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

O mundo interno é constituído por um processo de progressiva internalização dos objetos e dos vínculos. Este mundo encontra-se em permanente interação, interna e com o mundo exterior. Através da diferenciação entre mundo externo e interno, o sujeito adquire identidade e autonomia (sentimento de *mesmidade* ou vivência do *self*). A noção de mundo interno aparece como possibilidade de resolver o conflito entre o geral e o particular. Assim, entramos no terreno da *ecologia interna*, que investiga os mecanismos pelos quais se constrói um mundo interno em interação permanente com o externo através de processos de introjeção e projeção (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 75).

No cenário interior, tenta-se reconstruir a realidade exterior, mas de maneira que os objetos e os vínculos sejam diferentes, em função do que se fantasia a partir do fora para dentro (o intrassubjetivo). Comparando esse processo a uma peça de teatro, Pichon-Rivière destaca que não se trata de mera repetição de um texto, mas de uma constante recriação da obra e do personagem:

Durante o tratamento de pacientes psicóticos realizado segundo a técnica analítica e pela indagação quanto a seus processos transferenciais, tornou-se evidente para mim a existência de objetos internos, múltiplos "imago", que se articulam num mundo construído segundo um processo progressivo de internalização. Esse mundo interno configura-se como um cenário no qual é possível reconhecer o fato dinâmico da internalização de objetos e relações. Nesse cenário interior, tenta-se reconstruir a realidade exterior,

mas os objetos e os vínculos aparecem com modalidades diferentes pela passagem fantasiada a partir do “fora” para o âmbito intra-subjetivo, o “dentro”. É um processo comparável ao da representação teatral, no qual não se trata de uma repetição sempre idêntica ao texto, mas em que cada ator recria, com uma modalidade particular, a obra e o personagem. O tempo e o espaço inserem-se como dimensões na fantasia inconsciente, crônica interna da realidade. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 4)

José Bleger, considerado por muitos seu sucessor não fosse sua morte precoce, desenvolveu o conceito de *simbiose*¹¹ para afirmar que, nesse fenômeno, falta discriminação entre mundo interno e externo, eu e não eu. Segundo ele, o mundo interno foi projetado sobre o mundo externo de tal forma que não se discrimina entre objeto interno e um depositário e tudo acaba por ser mundo interno. Ao pensar a simbiose, Bleger faz uma distinção entre *objeto* e *depositário* (conceitos criados por Pichon-Rivière). Na simbiose há uma coincidência entre objeto interno projetado e depositário. Para ele, toda simbiose é grupal, pois envolve dois ou mais indivíduos. O grupo simbiótico move-se em bloco, de forma rígida, não havendo discriminação entre seus integrantes. Os papéis são assumidos de maneira complementar e solidária: “Embora os papéis sejam fixos, os depositários que os assumem podem ser trocados ou alternados, embora toda a rotação se efetue também, em bloco, ou maciçamente [...]” (BLEGER, 1977, p. 53)

Para Bleger, desde o nascimento, há uma falta de discriminação, não há mundo interno nem externo, somente uma totalidade. Gradualmente esta diferenciação entre mundo interno dentro do sujeito e o fora representado pelo mundo externo se fará. Não há ainda nem projeção, porque, para que esta aconteça, é necessária uma discriminação. Caminhando neste pensamento, Bleger afirma que o processo que se realiza nos grupos familiares é o de gradual desprendimento e individuação entre os membros da família. Quando este processo não ocorre, encontramos famílias ou membros delas adoecidos (BLEGER, 1984).

O grupo é portador de efeitos imaginários remotos quando pensamos que ele se modela de acordo com estruturas anteriormente adquiridas. Não basta mostrar os

¹¹ *Simbiose* refere-se a uma estreita interdependência entre duas ou mais pessoas que se complementam para manter controladas, imobilizadas e, até certo ponto, satisfeitas as necessidades das partes mais imaturas da personalidade; tais partes exigem condições que estão dissociadas tanto da realidade como das partes mais maduras ou integradas da personalidade (BLEGER, 1977, p. 108).

processos inconscientes que operam no grupo; é preciso colocar em análise a própria imagem do grupo, com as fantasias e os valores que ela carrega (PONTALIS, 1972).

Ao retomarmos o nascimento da teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière, quando ele pensa a origem e o tratamento da psicose, podemos visualizar de que se trata e de que se compõe o mundo interno para ele. Este mundo interno - grupo interno - será formado pela história anterior à existência do sujeito, pelo momento histórico e familiar, quando nasce e onde cresce, e pelo jogo de relações que vai se compondo ao longo de sua vida. Desses momentos e movimentos, o sujeito constitui-se, carrega consigo esta bagagem com a qual terá que se confrontar em inúmeras circunstâncias, entre elas, nos grupos.

O mundo interno é estruturado como um grupo, que supõe um aparato psíquico organizado em função de uma estrutura grupal, e que diz respeito à reconstrução fantasiada das relações, uma reconstrução interna da rede vincular externa (JASINER, 2003).

Os grupos internos de cada um dos integrantes de um grupo encontram-se e se articulam. Trata-se de um movimento dialético permanente entre grupo externo (como diferente, como outro) e o grupo interno de cada um. Em cada cena construída no tempo presente do grupo, estarão diferentes cenas historicamente construídas (WORONOWSKI, 2003).

Pichon-Rivière (1983) pensa o mundo interno como um sistema, em que interagem relações e objetos em mútua realimentação e em permanente interação com o meio. Afirma que a aprendizagem e a adaptação ativa à realidade estão ligadas: na medida em que o sujeito apreende o objeto e o transforma, modifica a si mesmo, entrando em um interjogo dialético, no qual a síntese que resolve o dilema transforma-se no ponto inicial ou tese de outra antinomia que deverá ser resolvida num contínuo processo de espiral. A isso chama de superestrutura do processo.

Estar em grupo é exercer uma prática que transita entre os mundos externo e interno e essa distância entre um e outro é medida por trabalho. E trabalho é trabalhar sobre aquilo que faz obstáculo (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

As comparações, imitações, rivalidades, satisfações e decepções de cada um constituem o drama dos seres humanos, que convivem e que se empenham em encontrar a maneira de manter sua posição individual em um mundo que pertence aos demais (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

4.1. George H. Mead e a Teoria dos Papéis

Para chegar à sua definição de grupo interno, Pichon-Rivière também lança mão da teoria de George Herbert Mead, importante filósofo social americano de importância central para a sociologia e a psicologia social. Mead construiu sua teoria sobre o conceito de papel, suas interações, o conceito de eu, de outro generalizado, pensamentos que o ajudaram a construir a ideia de grupo interno como produto de uma internalização dos outros (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Entre Mead e Pichon-Rivière, há de saída uma curiosa coincidência: como este último, Mead também não era afeito à escrita acadêmica, ensinava sem o auxílio de notas. As suas publicações devem-se às anotações de participantes de suas aulas. Um de seus ex-alunos chegou a pagar um estenógrafo que, disfarçadamente, esteve em suas aulas para transcrever seu curso de psicologia social. Portanto, seus livros foram produzidos a partir de anotações e resumos de seus alunos (FARR, 1998).

George H. Mead foi professor no Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago (EUA); pertencia ao grupo que ficou conhecido como “Escola de Chicago”, do qual também faziam parte William James, Charles Pierce e outros. Este grupo caracterizou-se por valorizar mais a pesquisa empírica do que a teórica, realizando importantes pesquisas com temas urbanos na emergente Chicago, tais como imigração, delinquência e criminalidade. Mead implicou-se fortemente na luta pelos direitos das mulheres, pelo voto feminino, pelo código penal juvenil, tendo sido tesoureiro do movimento social de apoio aos imigrantes, entre outras atividades. Ministrando de forma pioneira cursos de psicologia social por 30 anos no início do século XX até os anos de 1930, suas propostas escapavam da divisão que concebia o indivíduo e a sociedade como realidades últimas, ao invés disso, ele tentava compreender tais conceitos numa perspectiva processual (PORTUGAL, 2005).

Para Mead, a linguagem era central na psicologia social; como um fenômeno inerentemente social, ela é característica da espécie e é responsável pela natureza auto-reflexiva da inteligência humana: pensar é uma atividade social. A fala é social e não ligada ao corpo físico por si só; é algo que deve ser compreendido e não observado. Mead manteve-se professor de filosofia e seu curso de psicologia social era iminentemente frequentado por sociólogos. Por dar importância ao que ouvia,

diferenciava-se dos behavioristas da época, como Skinner e Allport, que ressaltavam o fenômeno observável buscando fazer da psicologia uma ciência positivista (FARR, 1998).

Considerando o indivíduo como efeito da experiência e não como seu produtor, Mead afirmava que indivíduo e sociedade são produtos de um processo pré e extra individual, histórico e contextual. O ato social é visto por ele não como resultado de um indivíduo isolado, mas como algo que envolve sempre o outro, isto é, trata-se de uma relação, e a pessoa é simultaneamente agente e objeto neste processo (PORTUGAL, 2005).

O homem, para Mead, é habitado por imagens da realidade externa que, ao serem internalizadas e dinamizadas, adotam uma forma pessoal e se transformam em elementos da nossa identidade (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998):

O que quero destacar é a característica da pessoa como objeto para si. Esta característica está representada pelo termo "si mesmo", que é um reflexivo e indica o que pode ser ao mesmo tempo sujeito e objeto (MEAD, 1993, p. 168).

A pessoa, enquanto um objeto para si, é essencialmente uma estrutura social e surge na experiência social(...). É impossível conceber uma pessoa surgida fora da experiência social¹² (MEAD, 1993, p. 172).

Pichon-Rivière fazendo referência à teoria de Mead dirá que assumimos não só o nosso papel, como o papel dos outros. Dirá que cada um de nós tem um mundo interno povoado de representações de objetos, onde cada um está cumprindo um papel, uma função determinada. Para Pichon-Rivière, a teoria de Mead é fundamental para pensar a teoria do vínculo, para as relações de objeto e para a teoria de papel.

A teoria do vínculo tem múltiplos sentidos, o que é fundamental considerar no trabalho com grupos, sendo importante observar quais papéis estão sendo assumidos ou representados dentro do grupo. Cada integrante do grupo tem uma função e uma categoria determinadas (PICHON-RIVIÈRE, 1988).

Mead exemplifica com o esporte: em um jogo de futebol, as atitudes das diversas jogadas que cada participante tem que assumir organizam-se em uma

¹² Texto original em espanhol, tradução livre da autora

espécie de unidade e é precisamente essa organização que controla a reação de cada jogador. Cada ato é determinado pelas expectativas das ações dos demais jogadores. Temos então um "outro" que é uma organização das atitudes dos que estão envolvidos no mesmo processo (MEAD, 1993).

Mead chamará esta relação de "o outro generalizado", cuja definição é uma comunidade ou um grupo organizado que proporciona ao indivíduo sua unidade de pessoa. A atitude do outro generalizado é a atitude de toda a comunidade. Por exemplo, no jogo de futebol, o outro generalizado é o time à medida que intervém, como processo organizado ou atividade social, em qualquer experiência dos membros individuais (MEAD, 1993).

Pichon-Rivière, ao fazer referência à teoria de George H. Mead, também retoma o exemplo do futebol, sua paixão de infância, que possuindo sua dinâmica, regras e exigência de trabalho em equipe, é um importante elemento que o ajuda na construção de sua teoria. Como se observa no trecho a seguir:

O papel adjudicado é o papel *prescrito*, ou o papel *necessitado* no grupo, que deve ser cumprido por aquele que assume esse papel. Na medida em que os dois papéis coincidem - o prescrito e o assumido -, produz-se o *encaixe*, a articulação, como acontece, por exemplo, numa equipe de futebol, na qual o jogador ao mesmo tempo que internaliza os membros de sua equipe, também o faz com a equipe contrária, configurando o que George Mead chama de "o outro generalizado", com o objetivo de chegar a uma operatividade máxima (a partida é jogada primeiramente no campo interno) (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 145).

Uma das características do outro generalizado é a de exercer controle, já que se revela como uma função ordenadora. Neste sentido, o raciocínio pressupõe a adoção das atitudes dos outros generalizados, dos sistemas de significações sociais, caso contrário não haveria pensamento (PORTUGAL, 2005).

Os conceitos criados por Mead - papel, interação, outro generalizado -, que representariam o grupo interno como produto de uma internalização dos outros, sofriam de uma limitação. Pichon-Rivière resolveu esta questão incorporando à ideia de grupo interno, ou de mundo interno do sujeito, a internalização chamada *ecológica*, que inclui os objetos inanimados, o habitat em sua totalidade, que alimenta fortemente a construção do esquema corporal, formando o que ele chama

de “representação tetradimensional” que cada um tem de si mesmo, compreendendo os aspectos temporais e espaciais da personalidade (PICHON-RIVIÈRE, 1970).

4.2. A criação de um conceito

A noção de grupo interno surge como possibilidade de resolver o conflito entre o geral e o particular. Assim Pichon-Rivière cria o conceito de “ecologia interna”, que investiga os mecanismos pelos quais se constrói um mundo interno em interação permanente com o externo através de processos de introjeção e projeção (PICHON-RIVIÈRE, 2005). A mente funciona como uma cena; mundo interno como um drama e como cenário de múltiplos jogos, grupo interno através do qual cada ator joga sua partida interna (WORONOWSKI, 2003).

Para melhor compreender esta dinâmica, Pichon-Rivière trabalha com um conceito que ele nomeia de *adaptação ativa*:

(...) O conceito de adaptação ativa que propomos é um conceito dialético, no sentido de que o sujeito, ao transformar-se, modifica o meio, e ao modificar o meio, modifica-se a si mesmo. Dessa maneira, configura-se uma espiral permanente, pela qual um doente que está em tratamento e apresenta melhora opera simultaneamente em todo o círculo familiar, modificando estruturas nesse meio (produzindo uma desalienação progressiva do intra e do extra grupo) (PICHON-RIVIÈRE, 2005 p. 74).

Tendo como ponto de partida a teoria de Melanie Klein, Pichon-Rivière afirma que os conflitos, os vínculos e as redes de comunicação perturbados estão mais relacionados com os objetos internos do que com os externos. A imagem que o paciente tem de seu grupo familiar está distorcida por situações ocorridas durante a sua história. O mundo interno é constituído por um processo de progressiva internalização dos objetos e vínculos. Este mundo encontra-se em permanente interação, interna e com o mundo exterior.

Com base na afirmação kleiniana de que os conflitos, os vínculos e as redes de comunicação perturbados pela doença estão relacionados mais com os objetos internos do que com os externos, Pichon-Rivière define o mundo interno e as fantasias inconscientes como a crônica que o *self* realiza sobre seus vínculos de via

dupla com os objetos internos. O mundo interno transforma-se em grupo interno e seria constituído por um processo de progressiva internalização dos objetos e dos vínculos.

Ao atender um paciente que surge como porta-voz de sua família, é de fundamental importância detectar a estrutura e a dinâmica do grupo interno do paciente, ou seja, a representação que ele tem do grupo internalizado. Esta representação constitui a base das fantasias inconscientes na relação com sua família. O trabalho do terapeuta é questionar a articulação deste mundo interno com o grupo externo.

Ao questionar do que se compõe o mundo externo e qual sua importância para a constituição do psiquismo, Pichon-Rivière amplia e critica a teoria kleiniana que minimiza a importância desta dimensão no sofrimento do sujeito. Para ele, o doente é um porta-voz dos conflitos e tensões do seu grupo imediato, mas também por isso o símbolo e o depositário dos aspectos alienados da sua estrutura social; também é porta voz da insegurança e do clima de incerteza sociais. Tratá-lo é atribuir a ele um novo papel: agente de mudança.

Cada membro de um grupo leva consigo um esquema de referência próprio, e, segundo Pichon-Rivière, é sobre o denominador comum destes sistemas que se configurará, em seguidas voltas de espiral, um Esquema Conceitual e Referencial Operativo (ECRO) grupal.

A estrutura triangular que rege todas as relações possibilita abandonar a ideia de uma psicologia individual, adotando uma posição de uma psicologia que será sempre social, ao incluir no seu esquema de referências o conceito de um mundo interno em contínua interação, origem das fantasias inconscientes. Esta é a dimensão ecológica que, através de processos de introjeção e projeção, cria uma imagem do mundo próprio de diferentes formas, especialmente do papel do outro, cuja percepção está marcada por situações de *reencontro* que regem nossa vida emocional. O ajuste dos diversos elementos irá configurar temas ou esquemas referenciais que operam no processo de aprendizagem e na leitura da realidade:

Todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna (dimensão ecológica), configura uma situação grupal. Essa situação está sustentada por uma rede de motivações e nela interagem entre si, por meio de um complexo mecanismo de assunção e adjudicação de papéis. É neste

processo que deverá surgir o reconhecimento de si e do outro, no diálogo e no intercâmbio permanente. Esta situação grupal constitui o instrumento mais adequado para essa aprendizagem de papéis (aprendizagem social), em que consiste a internalização operativa da realidade (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 163).

A estrutura e função de um grupo qualquer estão dadas pelo assumir ou destinar papéis. Estes representam modelos de conduta correspondentes ao lugar de cada um na rede de interações, nas próprias expectativas e nas dos demais membros do grupo.

Cada um terá um lugar nesta rede de interações. Essa posição dirá respeito à história pessoal, à forma de inserção desse sujeito no grupo (DEL CUETO; FERNANDEZ, 1985).

Para Pichon-Rivière isto está colocado desde antes do nascimento:

[...] podemos dizer que, na gênese das neuroses e psicoses, deparamos com uma pluralidade causal, uma equação etiológica composta por vários elementos que vão se articulando sucessiva e evolutivamente, o que foi chamado por Freud de séries complementares. Nesse processo dinâmico e configurador intervém, em primeiro lugar, o fator constitucional. Nesse fator enunciado por Freud, distingo: a) elementos genéticos, hereditários, o genótipo, o genético em sentido estrito, e b) o fenótipo, ou seja, os elementos resultantes do contexto social que se manifestam num código biológico. Queremos dizer que o feto sofre a influência do meio social mesmo no aparente resguardo de sua vida intra-uterina, por meio das modificações do meio materno. Através dessas modificações, sobre o desenvolvimento do feto exercem impacto as distintas alternativas da relação de seus pais, com a presença ou ausência do pai, com os conflitos do grupo familiar, suas vicissitudes de ordem econômica, situações de perigo individual ou social, etc. Tudo isso causa um montante de ansiedade na mãe, ansiedade que, no feto, se traduz em alterações metabólicas, sangüíneas, etc. Assim, o fenótipo e o genótipo articulam-se na vida intra-uterina para a estruturação do fator constitucional (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 199).

Para Pichon-Rivière, grupo e família podem ter a mesma definição: conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por uma mútua

representação interna, que se propõem a uma tarefa explícita ou implícita. Nas famílias, agregam-se os laços de parentesco.

Todo grupo se propõe a uma tarefa, seja ela explícita ou não. A tarefa, a estrutura grupal e o contexto que formam o campo onde se relacionarão tarefa e grupo, constituem a equação da qual surgem as fantasias inconscientes, que seguirá o modelo primário do acontecer do grupo interno. Entre estas fantasias, algumas podem funcionar como obstáculo a tarefa e outras atuam como incentivo ao trabalho grupal. No encontro de ambas, as fantasias projetadas no grupo produzirão as situações de conflito características da tarefa grupal (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

A tarefa, o sentido do grupo e a mútua representação interna em relação à tarefa, constituem o grupo como tal. A tarefa é o caminho do grupo para o seu objetivo, é um fazer-se em um fazer dialético com uma finalidade, uma práxis e uma trajetória (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

O sentimento de integrar um grupo, a pertença, permite a cada membro identificar-se com os demais membros do grupo. Como integrantes do grupo, sentem os demais membros incluídos no seu mundo interno, internalizam-nos. Constrói-se uma identidade grupal e pessoal como membro do grupo. Isso é o que permite planificar a tarefa grupal.

Pichon-Rivière faz referência a Jean Paul Sartre para afirmar que todo grupo que não faz este movimento de criação de uma identidade grupal corre o risco de cair na *serialidade*¹³. O sujeito que se vê como membro de um grupo, adquire identidade, localiza-se situacionalmente e consegue realizar mudanças. A pertença não é algo dado (como nos laços consanguíneos), mas é sempre construída pelo grupo.

O grupo é constituído de pessoas articuladas por sua mútua representação interna. Pichon-Rivière, referindo-se a Sartre novamente, vai falar do grupo como ato, considerando de fundamental importância o lugar da dialética interna nas relações grupais:

A dialética interna é a dialética do grupo interno, cuja crônica - sempre seguindo o modelo mencionado - é a fantasia inconsciente. Através desta dialética, cada integrante alcança uma *totalização*, uma síntese, que faz o

¹³ Designa todo conjunto humano sem unidade interna (LAPASSADE, 1977, p. 228).

grupo como grupo, que o constitui. Dizendo isto em termos sartreanos, esta dialética interna e externa leva-o a transcender a serialidade entendida como dispersão (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 218).

Georges Lapassade, importante analista institucional e grupalista francês, partindo das obras *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e *Crítica da razão dialética* de J. P. Sartre, afirma que série é uma forma de coletivo que recebe do exterior a sua unidade. Faz uso do clássico exemplo da fila de ônibus, onde se pode observar claramente uma ordem de serialização que tem sua razão numa causa externa. Enquanto a série será a massificação dos homens, o grupo é sua totalização. A vida do grupo será trabalhar na constante tensão entre a serialização e a totalização. Para o autor, o grupo é o inverso da serialidade; constitui-se por meio e no interior da dispersão, estabelece uma luta constante contra uma volta a esse estado. Essa luta é uma das primeiras características do grupo. Grupo não se define como um ser, mas como um ato, trabalha-se incessantemente, uma práxis comum voltada para o exterior e que só é práxis se os membros do grupo estabelecerem relações entre si. Um grupo só é verdadeiramente chamado grupo quando é fundado de maneira permanente na auto-gestão e na auto-crítica (LAPASSADE, 1977).

4.3. Transferência nos grupos

Pichon-Rivière usará o conceito de transferência para entender as relações entre as diversas representações internas, ou diferentes grupos internos num mesmo grupo. Cita Laplanche e Pontalis que, no *Vocabulário de Psicanálise* (1982), definem a transferência como o processo através do qual dois desejos inconscientes se atualizam sobre certos objetos, no marco de um tipo de relação estabelecida entre eles, eminentemente dentro do enquadre analítico. A propósito deste conceito, Laplanche e Pontalis fazem importante referência. Esta nos interessa particularmente para pensar a definição de grupo interno:

[...] quando Freud fala da repetição na transferência das experiências do passado, das atitudes para com os pais, etc., esta repetição não deve ser tomada num sentido realista que limitaria a actualização a relações efectivamente vividas: por um lado, o que essencialmente é transferido é a realidade psíquica, ou seja, mais profundamente, o desejo inconsciente e os

fantasmas conexos; por outro lado, as manifestações transferenciais não são repetições à letra, mas equivalentes simbólicos do que é transferido (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982, p. 675).

Pichon-Rivière interessa-se pela gênese do conceito de transferência, pelo que este pode contribuir para pensar tanto a transferência no processo grupal de realização da tarefa, quanto pensar sobre o manejo técnico da transferência grupal na relação do grupo com o seu objetivo. Citando Freud, em *Psicoterapia da Histeria* (1895), aponta que a transferência é um fenômeno frequente e regular, que supõe o comprometimento de duas instâncias temporais, passado e presente:

Assim, pois, sucedera: primeiro, o conteúdo do desejo havia surgido na consciência da paciente sem as recordações das circunstâncias que podiam situá-lo no passado; o desejo então presente ligou-se, pela compulsão associativa dominante na consciência, à minha pessoa, a quem a paciente podia dirigir a atenção, e, nesta *mésalliance* (união equivocada) - que chamo de 'falsa conexão' -, despertou o mesmo afeto que, naquele tempo, havia impellido a banir esse desejo ilícito (FREUD, 1895/2016, p.424).

No passado está a rejeição ao desejo; no presente, na relação com o analista, é despertado o mesmo afeto que originariamente forçou o paciente a exilar o seu desejo:

A transferência consiste, então, em uma 'conduta réplica', uma 'analogia emocional', num 'como se'. Em outros termos, *a transferência é um processo de adjudicação de papéis inscritos no mundo interno de cada sujeito*. Os indícios das diferentes adjudicações devem ser decodificados, e a interpretação consiste nessa decodificação: ou seja, a transformação do implícito, do inconsciente, em consciente (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 223).

As transferências acontecem entre os membros do grupo, na relação com a tarefa e com o contexto onde o grupo está. Quando várias pessoas se reúnem em um grupo, cada uma projetará o conteúdo de suas fantasias inconscientes sobre os outros membros do grupo, relacionando-os com suas projeções. Isso fica evidente nos processos de assumir ou adjudicar papéis. A fantasia inconsciente, o grupo interno de cada integrante e o grupo externo possuem um ponto em comum: a

estrutura dramática. O drama, segundo Pichon-Rivière, é a ação que relaciona pessoas por meio da comunicação, sendo o papel o instrumento do encontro.

Para Ana Maria Fernandez, o que caracteriza cada grupo é criar uma rede identificatória própria que o difere de outros grupos. Para a autora, os processos identificatórios que se produzem nos grupos serão o motor de vida dos mesmos (DEL CUETO; FERNANDEZ, 1985).

A transferência dará o campo propício para que esta rede de identificações se dê. Quando um sujeito ingressa num grupo trará com ele uma série de desejos conscientes ou não, que transfere sobre certos membros do grupo. Junto com a rede identificatória constrói-se uma rede transferencial, estas se acham imbricadas entre si (DEL CUETO; FERNANDEZ, 1985).

Interpretar é iluminar dois tempos: o arcaico das fantasias e o aqui e agora, o presente da situação do grupo. Ao confrontarmos estes dois tempos, surgem as perguntas sobre qual é a história do grupo ou *o que é o arcaico do grupo?* Segundo Pichon-Rivière, só é possível responder a estas perguntas, analisando a relação dialética indivíduo-grupo, que acaba por ser a grande questão a ser respondida pelas teorias grupais.

O valor da interpretação é dado pela sua operatividade, pela sua função reestruturante tendo em vista o objetivo do grupo. A interpretação é decodificar os emergentes grupais, é entregar os significados ao grupo (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

A transferência do coordenador com o grupo é um elemento a ser considerado no entendimento que este constrói sobre o grupo. Ela dará elementos para as interpretações que serão feitas, elementos fundamentais sobre o acontecer grupal. Entender os efeitos que o movimento grupal provoca no coordenador é de fundamental importância para permitir que ele localize e aponte a relação entre os membros do grupo e deste com seu entorno.

A relação entre a estrutura social e o mundo interno do sujeito pode ser entendida através do conceito de vínculo. Não há nada nele que não seja resultante da interação entre indivíduos, grupos e classes. Tal relação é o foco da psicologia social, que permite investigar o interjogo entre o psicossocial (grupo interno) e o sócio dinâmico (grupo externo), através das formas de interação, assunção e adjudicação de papéis. Investigação da interação entre intersubjetivo (grupo externo) e intrasubjetivo (grupo interno), partindo da prática. Assim, a teoria é realimentada, criticada e corrigida (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Para tal realimentação, cabe pensar sobre o conceito de transferência, como ela acontece da relação dual para o grupo. Pichon-Rivière faz essa transposição afirmando que o coordenador tem que saber que a transferência está operando e incluí-la no campo, trabalhar com ela. Algo do inconsciente grupal é depositado no coordenador, atualizando-se com ele. A isto agrega-se os conteúdos do inconsciente do coordenador. Ele, como o psicanalista, tem sua história anterior, dilemas e conflitos que também se atualizam ali.

Sobre esse movimento descrito, cabe pensar também sobre o seu término. Quando se encerra um processo, seja ele analítico, de estudos ou de trabalho, o que termina é o contexto, uma vez que a operação vivida se internaliza como processo interno. Tomando a situação analítica como exemplo, quando a análise termina, ela continua internamente e assim se torna interminável. O mundo interno se enriquece, as ansiedades diminuem, o sujeito enfrenta os seus medos e não é mais paralisado por eles, manejando-os interna e externamente. A experiência analítica individual e a grupal são experiências únicas e vitais, irrepetíveis e irreversíveis (PICHON-RIVIÈRE, 1991).

Desde seu primeiro encontro com a psicanálise, na adolescência, Pichon-Rivière acreditou encontrar nela as respostas para as inquietações que vivia. Com a formação psiquiátrica, buscou também descobrir as respostas à tristeza que sentia e que o acompanhava desde sempre. Tanto em um campo quanto em outro, posicionou-se sempre criticamente, seja pelo que o intrigava, seja porque apostava que nesta reflexão crítica encontraria seus pontos de ancoragem para a construção de um arcabouço teórico. A este movimento de prática, reflexão e teoria juntou-se o materialismo dialético, teoria que se propõe a responder as inquietações das relações humanas mediadas por dinâmicas de exploração e acirramento de diferenças.

Neste caldeirão de teorias e conceitos, Pichon-Rivière faz sua alquimia e repensa a medicina e a psicanálise sob uma perspectiva mais humanista e integradora. O homem é seu corpo e mente, mas também é composto e determinado por suas relações. Se estas o fazem sofrer será neste encontro que sua ação terá que incidir. Pichon-Rivière fará seu maior giro teórico, ou melhor, fará sua espiral girar, quando pensa a psicanálise nos grupos, quando sai do gabinete onde, até então, a teoria psicanalítica estava confinada, para colocá-la nas ruas, nas

instituições. Se afastará desta psicanálise de forte influência kleiniana para pensá-la em seu contexto, para colocá-la para dialogar em movimento dialético com o social.

Ao fazer isso, transforma a teoria que tinha um forte acento no individual e no mundo interno, para fazer a engrenagem da relação mundo interno (ou grupo interno) e mundo externo funcionar, interagir. Transformarem-se mutuamente.

Ao encerrarmos essa parte da dissertação, trazemos em nossa bagagem a importância de se colocar em reflexão continuamente a própria biografia na criação do pensamento, os conceitos pichonianos de grupo interno, grupo operativo, teoria do vínculo, ECRO, etc. Com estes conteúdos que são teóricos, vivenciados, históricos partimos para as reflexões finais. Nossa proposta será pensar, partindo dos referenciais descritos até aqui, o lugar dos grupos hoje, na nossa cultura, no campo da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho começa com uma intenção: reencontrar uma teoria visitada e vivida há anos atrás e que ficou como uma espécie de lembrança nostálgica, datada e anacrônica. Quase uma curiosidade de saber se nela ainda havia algo que dialogasse com as experiências atuais relacionadas aos grupos. É possível afirmar que era quase como, de forma singela, ao recuperar lembranças do passado, fosse possível fazer uma espécie de biografia de um tempo da história.

Ao iniciar a pesquisa com leituras e relatos, foi possível encontrar não a vivência do passado como algo a ser lembrado, mas algo que ficou recalcado do passado.

Pichon-Rivière, com sua teoria, afirma a força e a vitalidade do trabalho com os grupos, o que cada um traz de si e de sua história para um novo grupo; o conhecimento que está ali e que precisa ser apropriado, a potência questionadora e revolucionária destes. A importância do posicionamento do coordenador que permite que o grupo trabalhe, não se sobrepondo, não se impondo, viabilizando que o grupo se torne sujeito do seu processo.

Seu vigoroso questionamento do que se transformou a instituição psicanalítica de formação, que ele fundou, demonstra sua coragem para se rever constantemente. Além disso, colocou em questão a formação do analista, a importância da psicanálise estar sintonizada com seu tempo e sua realidade social. Do contrário, ela permanecerá restrita a um nicho onde os poucos que tem recursos financeiros é que terão acesso a ela. Afirmava que era nas instituições, nas ruas, que a teoria psicanalítica tinha que estar, porque ela tinha muito a refletir e contribuir para o seu contexto. Tal crítica representou seu afastamento da teoria kleiniana, hegemônica à época na formação da IPA, e, conseqüentemente, seu afastamento do lugar de analista didata.

A central e vital importância que Pichon-Rivière deu à experiência, a possibilidade da reflexão e do diálogo constante com a teoria, o movimento dialético que tanto defendeu ao longo da vida: teoria e prática conversam, se transformam, e, sobretudo, se reveem constantemente. Essa atitude de não fixação de lugares, dogmas teóricos, exige do coordenador de grupo, do psicanalista, a capacidade de suportar colocar suas crenças e valores sempre em questão, se revendo, se revisitando e permanecendo aberto ao que desconhece.

Uma das melhores surpresas deste caminho de pesquisa foi re-redescobrir a atualidade e a força da teoria pichoniana. Seu posicionamento reforça valores e condutas que hoje encontram-se na lista de temas candentes e necessários a serem trabalhados e afirmados por uma psicanálise que se preocupa em não se retirar do campo dos conflitos, dos efeitos do campo brutal e violento das diferenças profundas de classe, mas sim em posicionar-se diante deles, apostando que é na potência do grupal que podem ser encontrados caminhos e alternativas.

Tal constatação nos levou, inevitavelmente, a perguntar: o que ocorreu nos últimos 30 anos para que a teoria de Pichon-Rivière perdesse lugar no Brasil e importância nos currículos universitários e nas instituições de saúde? Ou, talvez caiba incluir em tal interrogação, se o que caiu em "desuso" foram as reflexões sobre as práticas grupais? Estas continuam sendo realizadas, mas empobrecidas pelo argumento de se atender a demanda ou para responder a exigências de produtividade. Será que estas práticas não foram desvalorizadas em detrimento de uma valorização do sujeito que se faz por si mesmo? Afinal, o que parece seguir sendo valorizado e reconhecido como tratamento são as práticas individuais.

Para agregar algumas ideias a estes questionamentos, lançaremos mão de alguns autores como forma de disparar reflexões, com a intenção de dar pistas para possíveis caminhos para responder e/ou compreender.

Iniciaremos com o filósofo de origem coreana Byung-Chul Han que afirma que a sociedade contemporânea não é mais a sociedade disciplinar pensada pelo filósofo francês Michel Foucault, mas sim a sociedade do desempenho. Diz Foucault:

Duas imagens, portanto, da disciplina. Num extremo, a disciplina - bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina - mecanismos: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coersões sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se

poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1999, p. 173).

As instituições chamadas de instituições totais: asilos, presídios, hospitais (GOFFMAN, 1974), deram lugar aos shoppings centers, academias de *fitness*, bancos, prédios de escritórios. A sociedade não é mais a disciplinar, mas a sociedade do desempenho, os sujeitos não são mais os sujeitos da obediência, mas sim sujeitos do desempenho e produção (HAN, 2015).

No lugar de proibições ou mandamentos, entram projetos, iniciativas e motivação. Os loucos e os delinquentes são os que não se adaptam à sociedade disciplinar, à sociedade do desempenho, os depressivos e fracassados. As queixas do sujeito depressivo de que nada é possível, só é possível numa sociedade que nada é impossível. Em que o não mais poder leva a uma autoacusação destrutiva, em que o sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo (HAN, 2015). Se, para Pichon-Rivière, os psicóticos eram emergentes de uma época, se eles denunciavam uma humanidade em crise, o depressivo, para Han, é o inválido desta guerra internalizada, ele reflete a humanidade que está em guerra consigo mesma.

Vivemos em uma sociedade narcísica onde a libido se investe cada vez mais sobre a própria subjetividade. O narcisismo não se relaciona mais com a ideia do amor próprio, o sujeito do amor próprio estabelece limites claros frente ao outro, a favor de si mesmo. O sujeito do narcisismo dilui os limites entre ele e o outro, e o mundo se apresenta como projeções de si mesmo. Sendo incapaz de reconhecer o outro em sua alteridade, o sujeito só encontra sentidos onde ele se reconhece a si mesmo de alguma maneira (HAN, 2014).

A depressão é uma enfermidade narcísica, resultado de uma relação exagerada consigo mesmo. O sujeito narcísico depressivo está esgotado e exausto de si mesmo. Necessita do mundo e é abandonado pelo outro, pois este só o reconhece pelos êxitos. Este outro não reconhecido em sua alteridade acaba por ser apenas espelho do sujeito. O homem atual permanece igual a si mesmo e busca no outro apenas a confirmação de si mesmo.

Concordamos com Han, que o homem dos nossos tempos desconhece que está inserido em um regime neoliberal, um sistema de Estado mínimo que funciona como administrador da liberdade do cidadão, que escapa completamente ao sujeito

a compreensão de que está inserido em uma estrutura de poder e coação do discurso neoliberal sobre a liberdade, de que há um imperativo: "seja livre!", mas que é o sistema neoliberal que vai produzir o que entende ser necessário para que o sujeito tenha a liberdade. Isso tudo precipita o sujeito do rendimento na depressão e no esgotamento. O regime neoliberal esconde sua estrutura coercitiva atrás da aparente liberdade do indivíduo. O ardil neoliberal está aí: quem fracassa é culpado por isto, apenas o sujeito é responsável pelo seu fracasso. Tanto o reconhecimento, como a gratificação dependem do outro; a falta de vinculação ao outro leva a uma crise de gratificação e dúvidas, não dispondo o sujeito de nenhuma possibilidade de expiação que libere o devedor de sua dívida (HAN, 2014).

Nesse contexto, os grupos podem ser o lugar privilegiado em que, a partir das trocas de experiências, do falar sobre si e do escutar o outro, podem se tecer entendimentos que permitam vislumbrar sobre qual rede pertencemos ou onde estamos enlaçados. Assim, é possível, deixar de acreditar que a saída dos impasses, dos conflitos é sempre trabalho isolado, é sempre "meu problema".

O capitalismo absolutiza a vida, seu objetivo não é a vida boa. Seu incentivo à compulsão e à acumulação se dirige contra a morte que é a perda absoluta. O neoliberalismo leva a cabo uma despolitização da sociedade, que é composta por sujeitos do rendimento isolados em si mesmos. Também se atrofia por completo a coragem, tornando impossível uma ação comum, um *nós* (HAN, 2014).

Constatando isso, é instigante lembrar que Pichon-Rivière, quando refletiu sobre os grupos, os pensou sempre como locais onde se produzem novas subjetividades a partir da subjetividade de cada um de seus membros. Ele pensou o grupo como produtor e produto de seu tempo, local privilegiado de encontro com o outro, onde é possível, através do olhar do outro, saber melhor quem se é. Neste movimento do singular ao coletivo, de localização histórica, é possível entender-se como parte de um processo e inventar saídas para os impasses contemporâneos que são colocados, tanto a nível dos grupos quanto dos sujeitos.

O historiador Richard Sennett (2015) afirma que um lugar se torna uma comunidade quando as pessoas usam o pronome *nós*. Falar dessa forma exige uma ligação particular, que é construída em crenças e valores partilhados, em práticas diárias concretas. Isso só é possível, segundo Sennett, quando é possível reconhecer que é necessário o outro para sustentar-se, não como relação de dependência ou humilhação, mas como relação de confiança; a vergonha da

dependência corrói a confiança e o compromisso mútuo, inviabilizando qualquer feito coletivo. Para ele, os laços de confiança se desenvolvem nas brechas das burocracias.

As atuais discussões sobre a necessidade de redes assistenciais para os mais necessitados são acompanhadas de uma profunda raiva dirigida aos que dependem de tais redes, que são tratados como parasitas. Restituir a confiança nos outros é um ato reflexo que depende de um contexto social, e, se este é desfavorável à ideia da dependência dos outros numa crise, o que incita é a mais neutra e vazia falta de confiança. "Quem precisa de mim? ", esta é uma questão radical do capitalismo. Este irradia indiferença com relação à falta de confiança, no modo como organiza as instituições, onde as pessoas são tratadas como descartáveis (SENNETT, 2015).

Neste cenário da atualidade, não é difícil entender a dificuldade de pensarmos um nós? Como pensar no que restitua essa relação eu-outro em sua alteridade e não como mero prolongamento do eu? Serão os grupos lugares privilegiados onde isso possa se dar? Ou não correm o risco eles mesmos de repetirem, em uma outra escala, o mesmo mecanismo de uma supervalorização do uno, de uma unidade? Neste cenário, talvez não seja difícil entender porque os grupos foram sendo espaços desvalorizados, ou, quando incentivados, foram apenas como forma de reforçar o narcisismo de seus membros. Parece não interessar ao contexto neoliberal que os grupos possam exercer, de fato, sua potência revolucionária e questionadora.

Durante os anos de 1970, no Brasil, a existência dos grupos justificava-se como um recurso de vanguarda, um reduto de liberdade em tempos de repressão, e por outro lado como uma solução para atender a demanda de muitos pacientes para poucos terapeutas. O que se verificou nos anos posteriores foi um declínio das práticas grupais. Elas deixaram de lado seu forte acento ideológico e acabaram por se reduzir a uma técnica a ser aplicada para diminuir a fila de espera na rede de saúde pública (BARROS, 1996).

Há de fato, nos espaços públicos, um decréscimo de ofertas de espaços grupais, pouca insistência na utilização das práticas grupais nos equipamentos de saúde. As teorias são consideradas inconsistentes, frágeis, há pouca procura por parte dos usuários para este tipo de serviço. E os grupos, quando oferecidos, são de uma forma temporária, e são desfeitos assim que os problemas são sanados.

Concordamos com Barros (1996) que a potência analítica dos grupos foi sendo retirada, sendo considerado recurso de "segunda linha".

O declínio dos grupos supõe uma determinada concepção de grupo, em que um todo homogêneo e impede as individualidades de serem vistas e ouvidas. O grupo forma linhas que produzem campos de saber, redes de poder compondo territórios, produzindo sujeitos e objetos. O grupo assume seu papel de intermediador entre o indivíduo e a sociedade, contém nele as características do indivíduo, indiviso, particular, e por outro lado as da sociedade, com sua ideia de todo, de universal (BARROS, 1996).

Os grupos poderiam ser uma alternativa ao mundo que propõe o individualismo como forma de existência? Ou eles estariam apenas compensando uma falta de comunicação e de relação, oferecendo um modelo de interação?

Regina Benevides de Barros, nesse mesmo artigo "Clínica Grupal" de 1996, chama a atenção para um certo modo de subjetivação que se engendra pela interiorização dos conflitos, que captura o desejo na falta, esterilizando sua potência criadora. E que esse é o risco, seja das práticas grupais, como das individuais. Há um modo de subjetivação contemporâneo dominante que insiste nas diferentes formas de abordagem psi de transformar aquilo que é da ordem da multiplicidade em unidade e identidade. As subjetividades do tipo indivíduo são, assim, efeitos da serialização capitalista que investe o desejo como sendo do indivíduo, e o social como sendo algo exterior ao mesmo, seja o social construído a partir desse desejo individual, seja conformando-o.

Nesse contexto e diante de tal perspectiva, podemos afirmar a importância de, independente de qual prática psi nos utilizemos, colocar-se contrário às totalizações e aos desejos de unificação, valorizando as diferenças, facilitando assim que surjam as múltiplas singularizações.

Assim como Barros (1996), entendemos que singularizar está no domínio da ruptura, da afirmação da potência, do escape em relação ao que está naturalizado, separado de seus movimentos de produção. Singularizar é inventar, criar outros modos de existência que não sobrecodifiquem as experiências.

À medida que os grupos foram se tornando destinos de massificação ou homogeneização, eles perderam sua principal potência que é a de produzir singularidades, modos de subjetivação com força necessária para a transformação. Nessa perspectiva os grupos abandonam sua posição de lugar com potencial

revolucionário e questionador do que é afirmado como dado ou natural, para se transformarem em lugares que reforçam o instituído.

E, sem dúvida, contribuem para isto as práticas psi que carregam em si práticas modelares e adaptativas, com uma formação com viés positivista, em que conceitos como neutralidade, objetividade, cientificidade e tecnicismo acabam por ser hegemônicos, em que homem e sociedade são apresentados como naturais, abstratos e não produzidos historicamente (COIMBRA, 1995).

Concordamos com Coimbra (1995) que as próprias instituições psicanalíticas nos anos de 1980/90 ajudaram a criar a ideia de que bom tratamento psicoterapêutico é tratamento muito bem remunerado, alimentando um apoio à privatização que atingirá seu auge nos anos de 1990. Por um lado a rigidez, o distanciamento e a neutralidade são sinônimos de cientificidade e, por outro lado, a liberdade, a criação, a crítica e a singularidade são terminantemente proibidas. Ao estabelecerem radicalmente um distanciamento entre a realidade externa e o espaço protegido e asséptico dos consultórios particulares, a prática da psicanálise e sua formação tornam-se cúmplices do sistema sócio-econômico no qual se inscrevem, marcado por um tempo de subjetivação típico do capitalismo. Estimulam o individualismo, que começa a se instalar na época, com ênfase no crescimento pessoal e na importância do sujeito em se voltar para si mesmo e sua família.

Para Barros (1996), o grupo é uma construção; desenhado a cada situação, não é um destino a ser alcançado, mas um processo em que cada sujeito se reconhece no coletivo e na sua posição singular, enfrentando no tempo suas diferenças, estreitando o laço entre as pessoas, fortalecendo assim a possibilidade de comunicação.

Nessa perspectiva, pensar numa subjetivação individualizante é ceder ao modo de produção capitalista e aos tempos neoliberais. No entanto, nessa imposição e nesse discurso hegemônico que vem assolando e invadindo a todos, há e sempre haverá algo que escapa, e aí os grupos não totalizadores podem ter sua função enquanto legitimadores das diferentes subjetividades.

Finalizando esta dissertação, cabem algumas últimas observações sobre este processo. Recuperando a história, o percurso de Pichon-Rivière da imigração da Europa para a América do Sul até sua morte nos anos de 1970, persiste a ideia da história pessoal como elemento central na construção de uma teoria, no

posicionamento ético e afirmativo sobre o lugar do sujeito, na importância de não se sobrepor conhecimentos, na ideia da composição, da criação. É notória a influência da teoria de Pichon-Rivière e de seu posicionamento em toda uma geração de psicanalistas, institucionalistas, terapeutas brasileiros no final dos anos de 1970 até o início dos anos de 1990. As razões que levaram a um certo declínio das práticas, mas sobretudo da teoria, da reflexão sobre o sentido do atendimento em grupo, de sua potência e da afirmação como um potente dispositivo de tratamento são diversas, e este texto aponta para algumas respostas.

Atualmente ocupando a posição de supervisora de serviços públicos de saúde, não mais ligada diretamente à assistência, é possível testemunhar que as práticas grupais não estão em desuso, mas sim a reflexão sobre o que significam. Esvaziados de sua potência disruptiva, hoje os grupos seguem sendo um recurso para responder à enorme demanda para atendimento nos equipamentos públicos de saúde. Como tal, os grupos estão empobrecidos e reduzidos a aumento de produtividade, enquanto os atendimentos individuais seguem sendo o lugar privilegiado, o oásis de tratamento possível no deserto em que o campo da saúde pública vem se transformando.

Assolados pelas políticas e ideologias que reforçam o individual, pela força da cultura privatista - "tratamento bom é tratamento individual, privado e caro" -, as equipes de saúde pública veem-se cada vez mais desvalorizadas, imersas na ação e atendendo demandas, apagando "incêndios" em tempo integral, precisando preencher relatórios de produtividade. Sobra pouco ou nenhum tempo para a reflexão. Não há tempo para o pensamento, para a troca, para cuidar da formação; não há, de fato, preocupação da parte do poder público em priorizar investimentos na formação das equipes.

O tempo da experiência, o tempo da contemplação, da troca, da transmissão, da sedimentação do conhecimento e da aprendizagem não existem, ou, estes sim estão em desuso; o tempo hoje é o tempo do aqui e agora, da velocidade. Vive-se muitas coisas, pensa-se muito pouco sobre elas. O que resta disso tudo é o cansaço, o esgotamento. Como chegamos até aqui? Essa talvez seja a pergunta a ser feita pelos trabalhadores da saúde para contextualizar a qual história pertencem, a qual linhagem dentro da história estão filiados. Como recuperar o fio da história? Como nos situarmos com aquilo que veio antes de nós e que nos determina fortemente? Como nos enxergarmos como elos de um processo? Construir uma

narrativa e um sentido sobre o lugar que ocupamos nos garante dar um sentido para uma vivência que não é aleatória.

Neste cenário, faz-se importante seguir afirmando que há recursos, potências, descobertas e infinitas possibilidades à mão de quem ousar se arriscar. O dispositivo dos grupos operativos, os grupos com uma tarefa definida - seja a de falar de si, seja a de trabalhar com materiais diversos - requer pouco investimento financeiro ou formação prévia. Requer lançar-se à experiência, retornar à teoria, voltar para a experiência, permitir o vai e vem entre o vivido e o estudado. Requer campos de trocas e interlocução. Requer apostar que os grupos sejam campos legítimos de transformação. As transformações desejadas nos serviços de saúde só poderão ganhar força em dois grupos: o grupo com os próprios usuários e o grupo com os trabalhadores. Cada grupo como campo fértil das inúmeras possibilidades de invenção, de criação e de mudanças genuínas que só ocorrerão no coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMSON, Gladys. **O ECRO de Pichon-Rivière**. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2100.pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2014.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 3.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

ANZIEU, Didier; MARTIN, Jacques-Yves. **La Dinámica de los Grupos Pequeños**. Buenos Aires: Kapelusz, 1977.

ARBISER, Samuel. Enrique Pichon-Rivière - Meu testemunho In: VELLOSO, Marco Aurélio Fernandez; MEIRELES, Marilucia Melo. **Seguir a aventura com Enrique José Pichon-Rivière: uma biografia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

BARROS, Regina Duarte Benevides de. Clínica Grupal. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Niterói – RJ, v. 7, n.1, p.5-11, 1996.

BARROS, Regina Duarte Benevides de; JOSEPHSON, Silvia Carvalho. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). **História da Psicologia: Rumos e Percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

BAULEO, Armando. **Contrainstitucion y Grupos**. Cidade do México: Nuevomar, 1983.

_____. Problemas de La Psicologia Grupal (El grupo Operativo-Productivo). In: Pavlovsky, E. A. (Org.). **Lo Grupal**. Buenos Aires: Búsqueda, 1983a.

BLEGER, José. **Psico-Higiene e Psicologia Institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

_____. **Temas de Psicologia**. 2.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1985

_____. **Simbiose e Ambiguidade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CESARINO, Antônio Carlos. Hospital-Dia "A CASA": Conversando sobre dez anos de experiência. In Lancetti, A. (Org). **Saúde Loucura**. São Paulo: Hucitec, 1989.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Guardiões da Ordem** - uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre". Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

DEL CUETO, Ana Maria; FERNÁNDEZ, Ana Maria. El Dispositivo Grupal. In: PAVLOVSKY, Eduardo (Org.). **Lo Grupal 2**. Buenos Aires: Búsqueda, 1985.

FARR, R. M. **As Raízes da Psicologia Moderna**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FERNÁNDEZ, Ana María. **O Campo Grupal**: Notas para uma Genealogia. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

FREUD, Sigmund (1919). O Inquietante. In: **Obras Completas: Volume 14**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1921). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: **Obras Completas: Volume 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1893-1895). Estudos sobre a Histeria. In: **Obras Completas: Volume 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HAN, Byung-Chul. **La agonía del Eros**. Barcelona: Herder Editorial, 2014.

_____. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

JASINER, Graciela; WORONOWSKI, Mario. **Para Pensar a Pichon**. 3.ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2003.

JASINER, Graciela. Con-versando conversaciones In JASINER, Graciela; WORONOWSKI, Mario. **Para Pensar a Pichon**. 3.ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2003.

_____. Tarea, psicoanálisis y surrealismo In JASINER, Graciela; WORONOWSKI, Mario. **Para Pensar a Pichon**. 3.ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2003.

LAPASSADE, G. **Grupos, Organizações e Instituições**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. 6.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1982.

LEMA, Vicente Zito. **Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière sobre el arte y la locura**. 15.ed. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 2004.

MEAD, George Herbert. **Espírito, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. México: Paidós, 1993.

NEVES, Flávio José de Lima. A Psicanálise Kleiniana. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n.54, p.21-28, set.2007.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18/03/ 2016.

PICHON-RIVIÈRE, E.; QUIROGA, Ana Pampliega de. **Psicologia da Vida Cotidiana**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Del Psicoanálisis a la Psicología Social**. Tomo I. Buenos Aires: Galerna, 1970.

_____. Entrevista Pichon-Rivière habla sobre J. Lacan - Del Psicoanálisis a la Psicología Social. (El artículo, en forma de entrevista, fue escrito por Pichon-Rivière en base a un cuestionario previo). **Revista Actualidad Psicológica**, Buenos Aires, n.12, 1975.

_____. **Psiquiatria, uma nova problemática**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

_____. **Teoria do Vínculo**. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.

_____. **O Processo Grupal**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2005.

PONTALIS, J.-B. **A Psicanálise depois de Freud**. Petrópolis: Vozes, 1972.

PORTUGAL, Francisco Teixeira. Psicologia social em George Herbert Mead, na Escola de Chicago e em Erving Goffman. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). **História da Psicologia: Rumos e Percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. "Sejamos realistas, tentemos o impossível" - Desencaminhando a psicologia através da Análise Institucional. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). **História da Psicologia: Rumos e Percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 16.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TARAGANO, Fernando. **Introdução**. In: PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.

VELLOSO, Marco Aurélio Fernandez; MEIRELES, Marilucia Melo. **Seguir a aventura com Enrique José Pichon-Rivière**: uma biografia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

WORONOWSKI, Mario. Pichon-Rivière y la crítica de la vida cotidiana In JASINER, Graciela; WORONOWSKI, Mario. **Para Pensar a Pichon**. 3.ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2003.

_____. Tiene vigencia el grupo operativo? In JASINER, Graciela; WORONOWSKI, Mario. **Para Pensar a Pichon**. 3.ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2003.